

**ORLANDO FIGES**

# Sussurros

*A Vida Privada na Rússia de Stalin*

*Tradução de*  
Marcelo Schild

e

Ricardo Quintana



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

# Sumário

## Mapas e Árvores Genealógicas

### Introdução

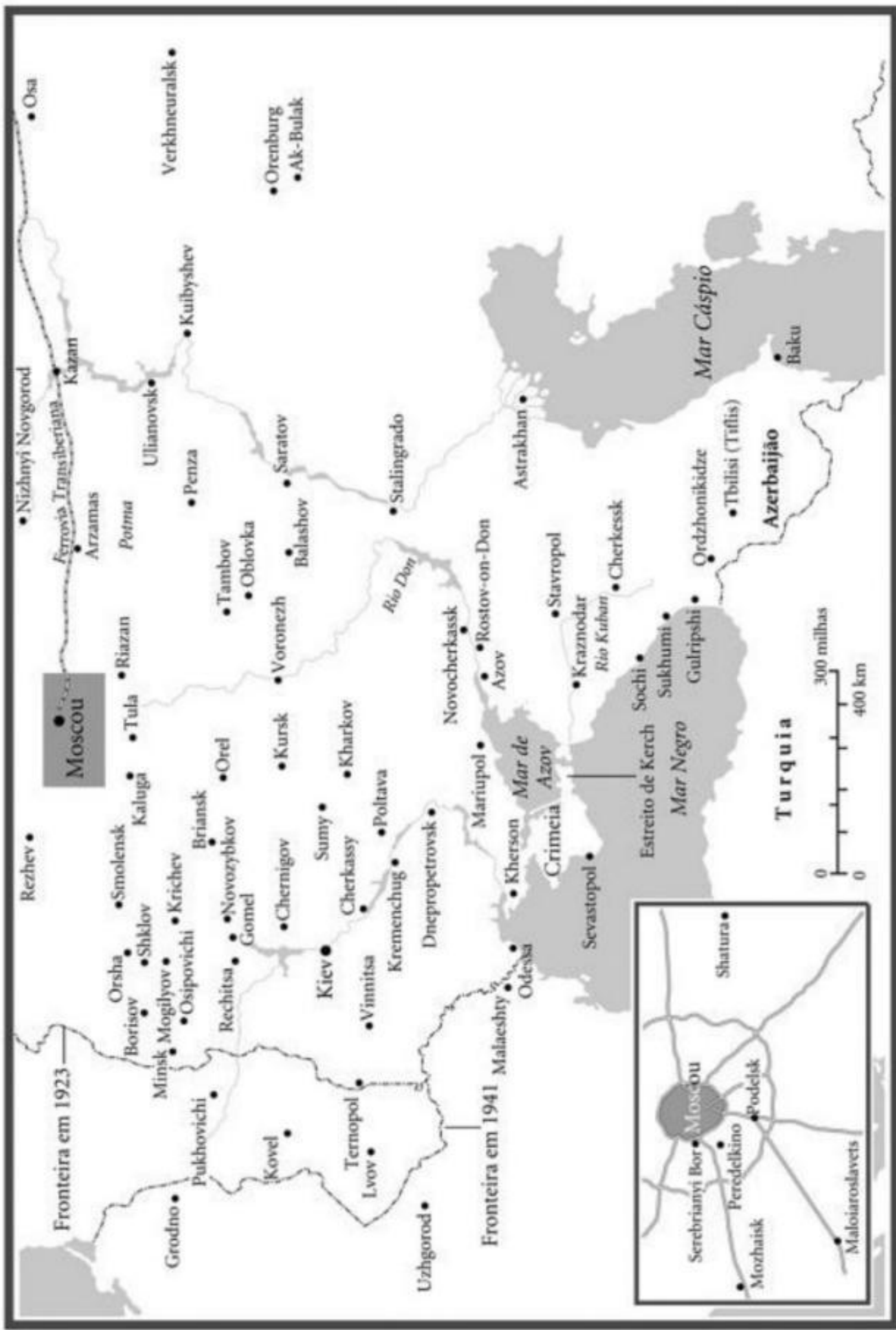
1. Crianças de 1917 (1917-28)
2. A Grande Ruptura (1928-32)
3. A Busca da Felicidade (1932-36)
4. O Grande Medo (1937-38)
5. Resquícios do Terror (1938-41)
6. “Espere por mim” 1941-45 439
7. Stalinistas Comuns (1945-53)
8. Retorno (1953-56)
9. Memória (1956-2006)

Epílogo e agradecimentos

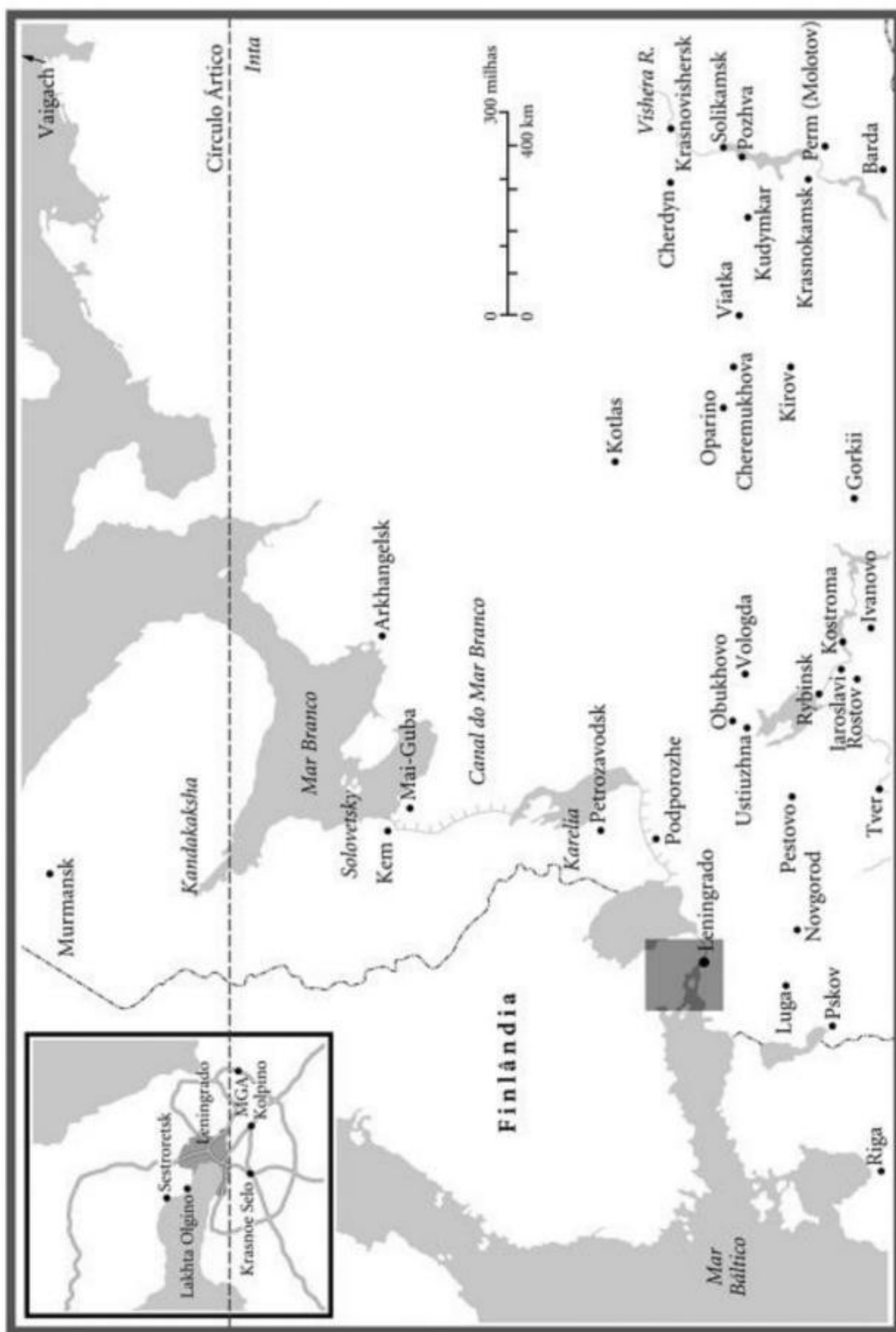
Notas

Fontes

Índice



Parte sul da URSS europeia



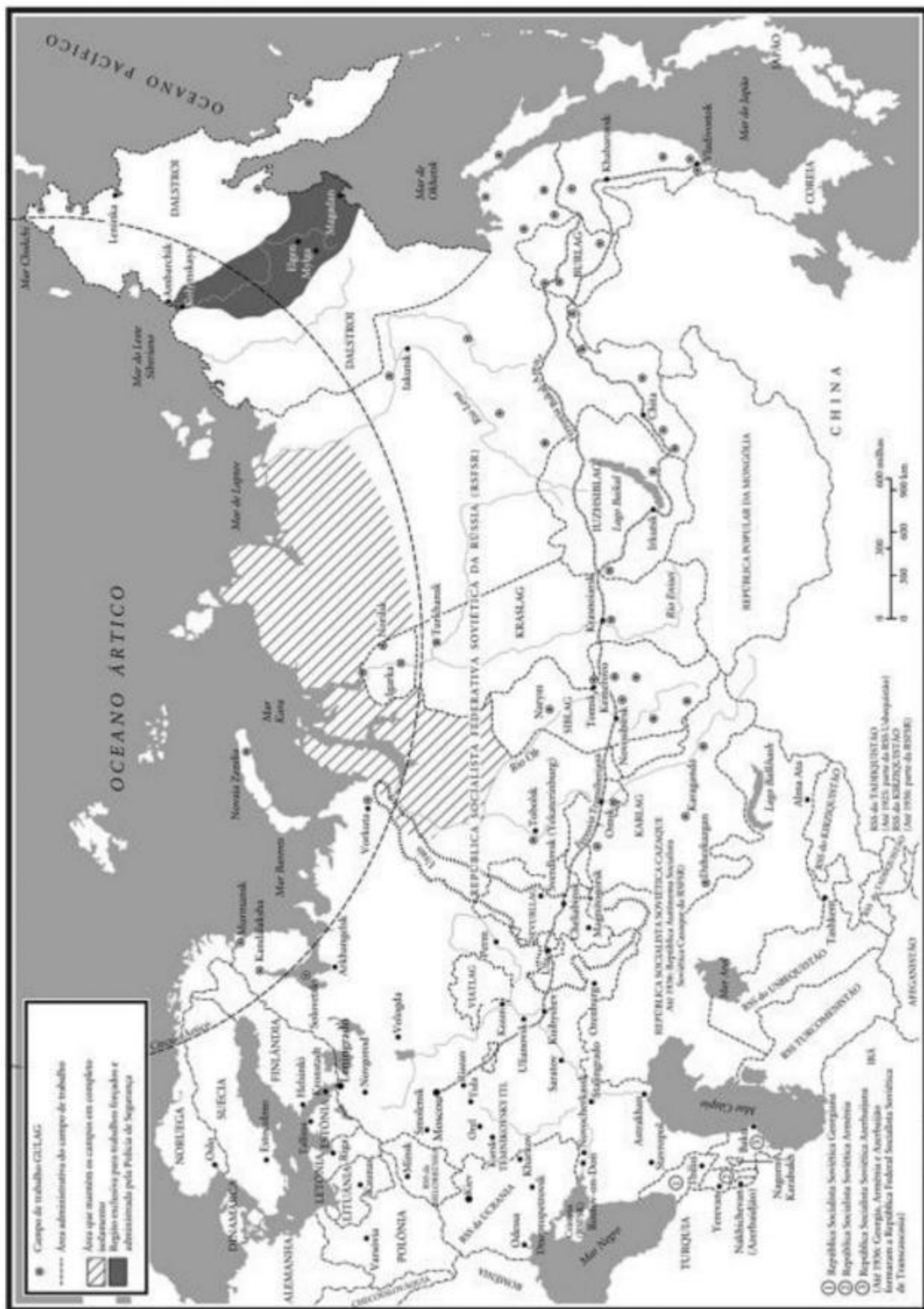
Parte norte da URSS europeia



Sibéria Ocidental e Central

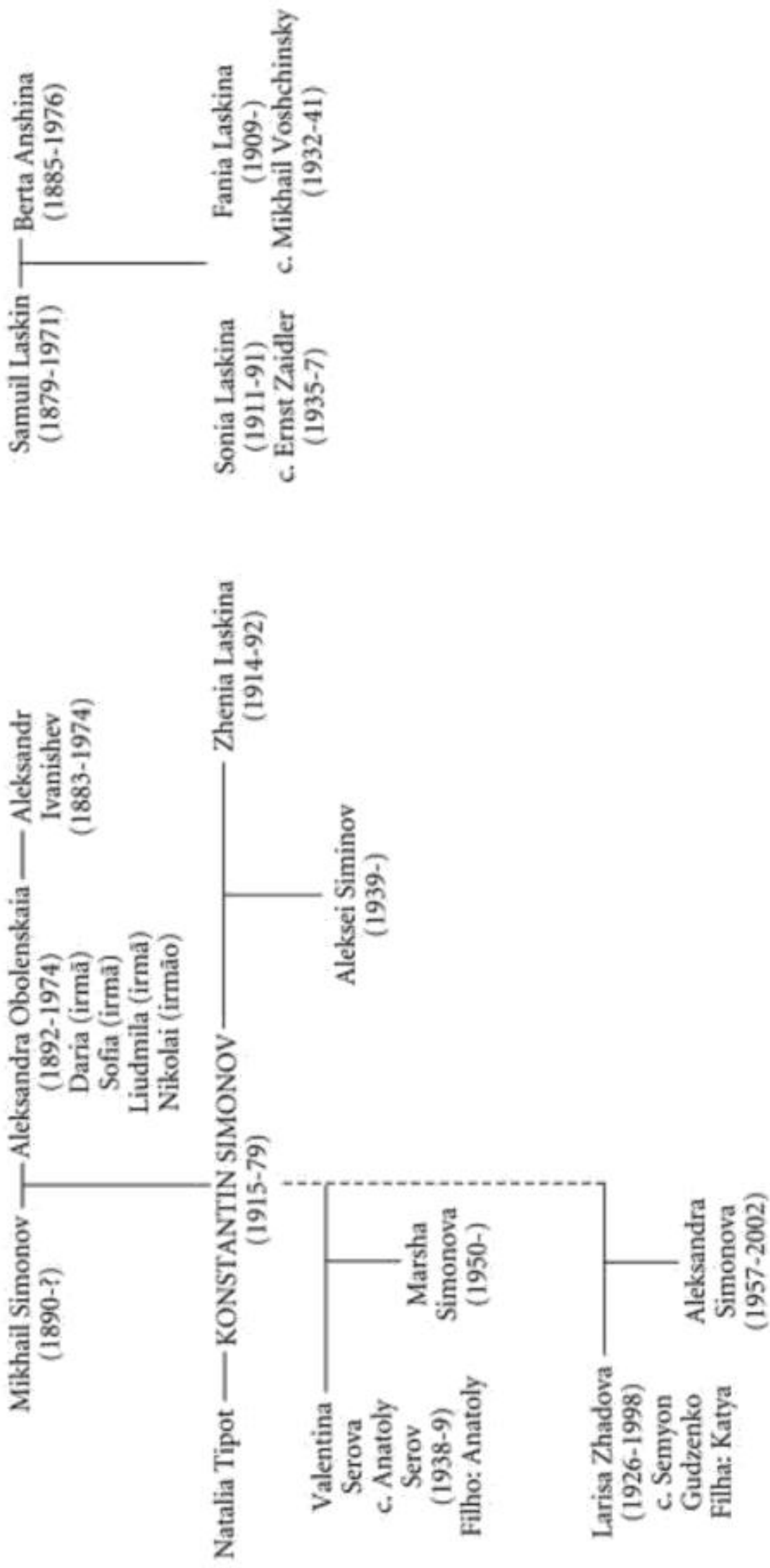


Sibéria Oriental



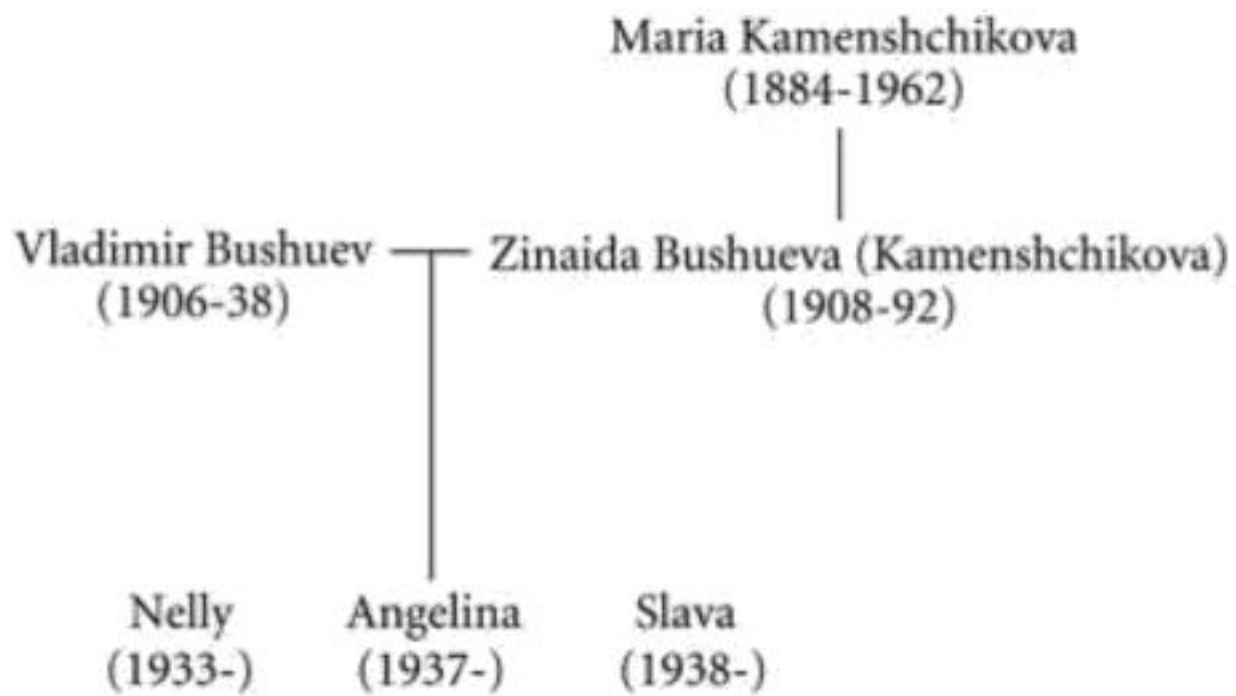
A União Soviética na Era de Stalin

## As famílias Simonov e Laskin

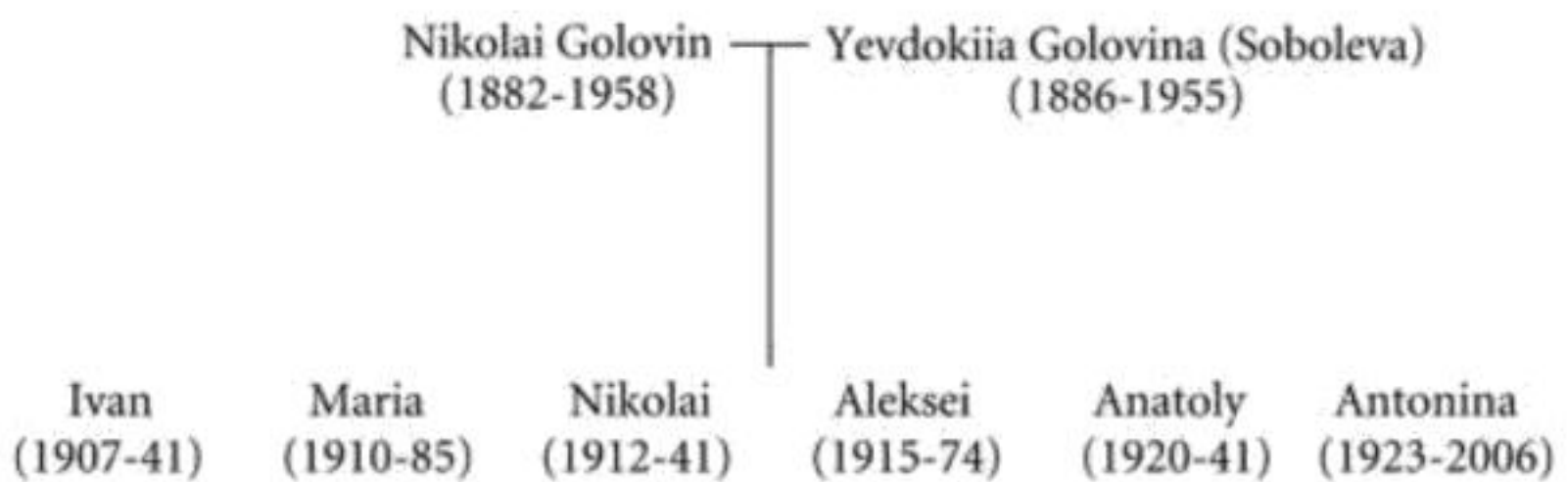




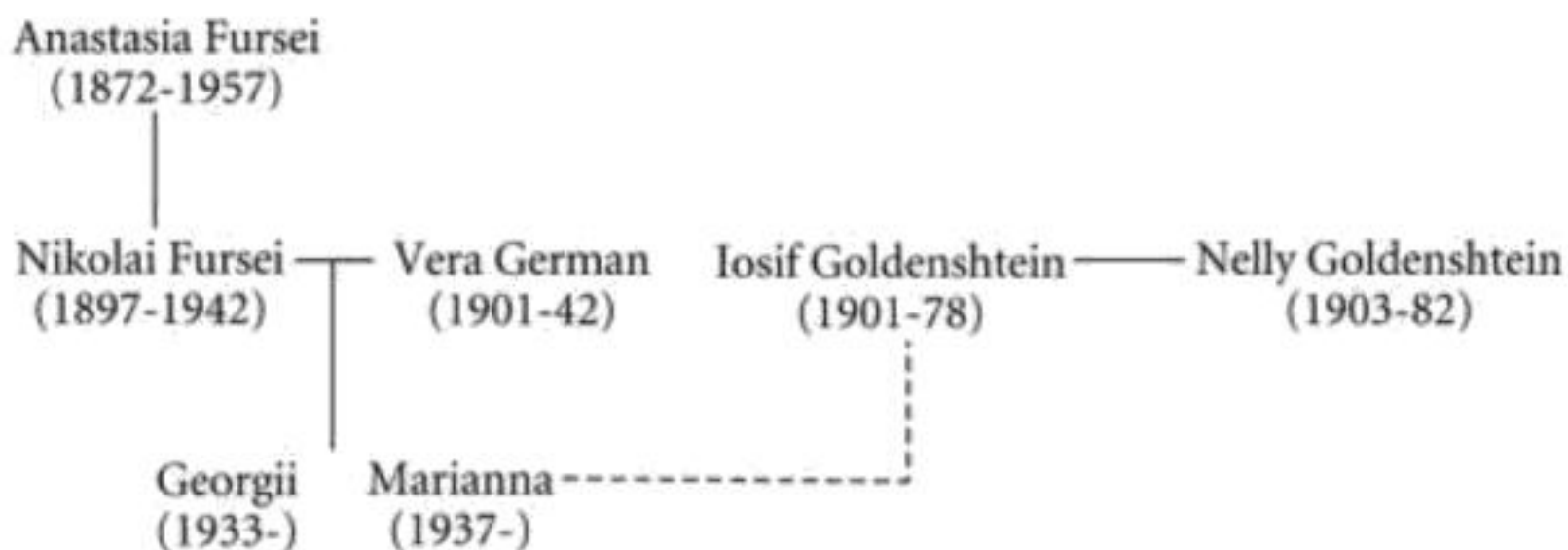
### **A família Bushuev**



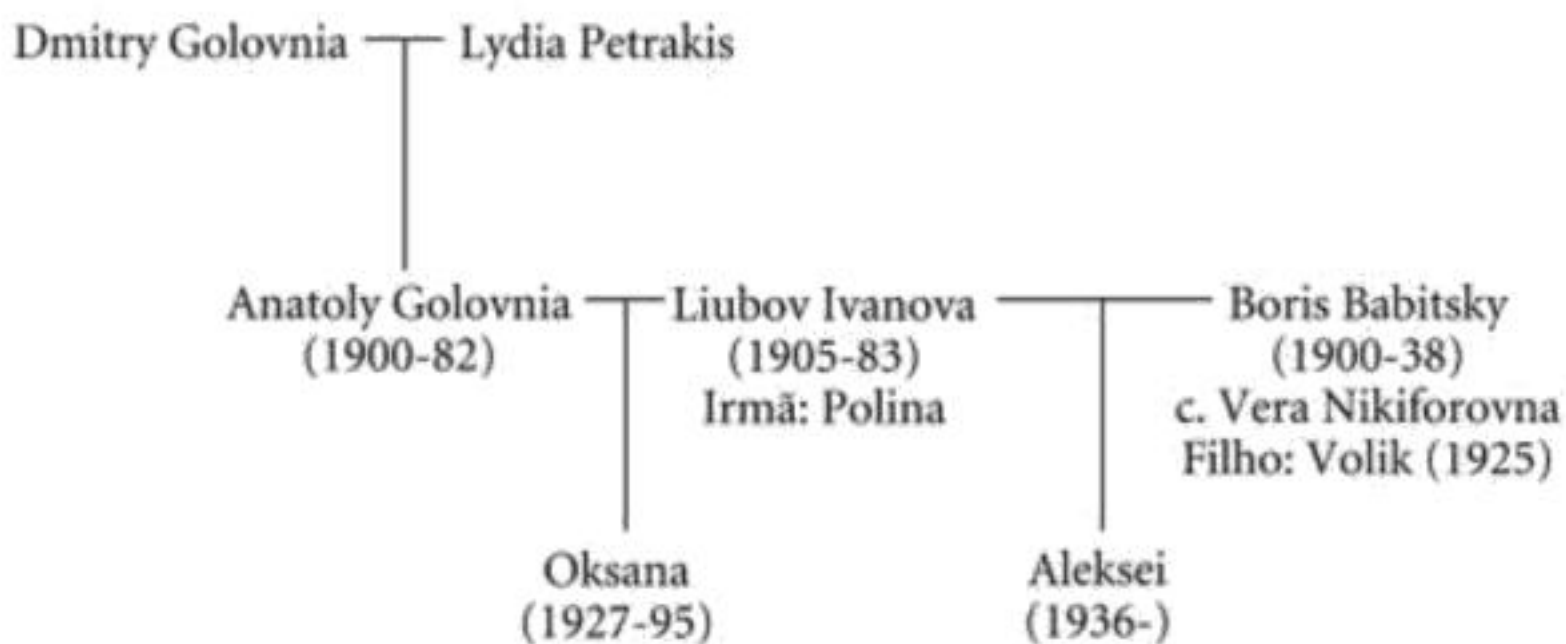
### **A família Golovin**



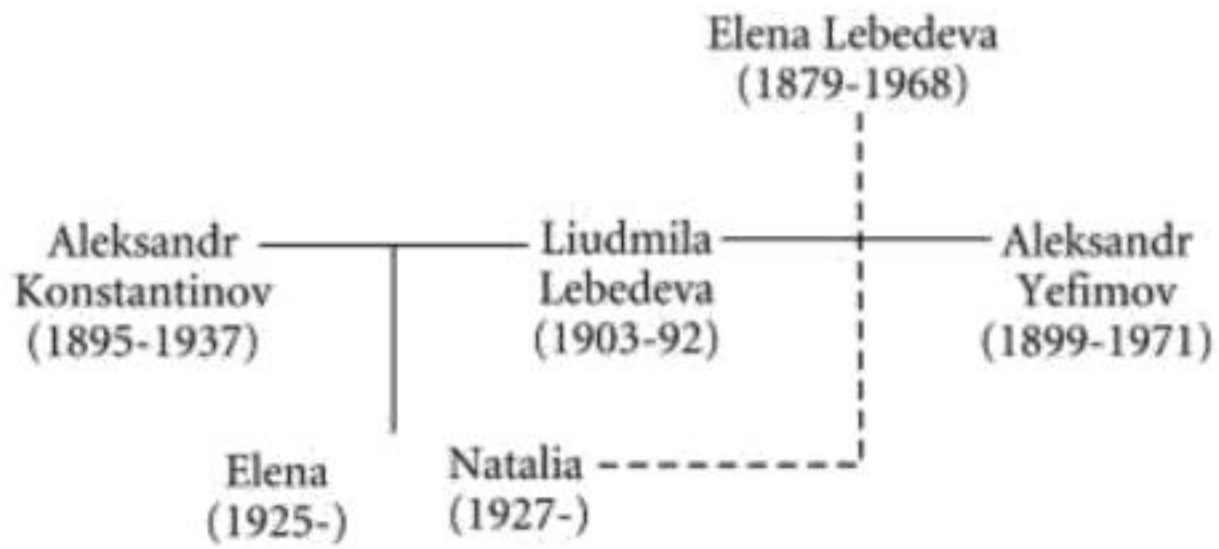
### A família Fursei-German



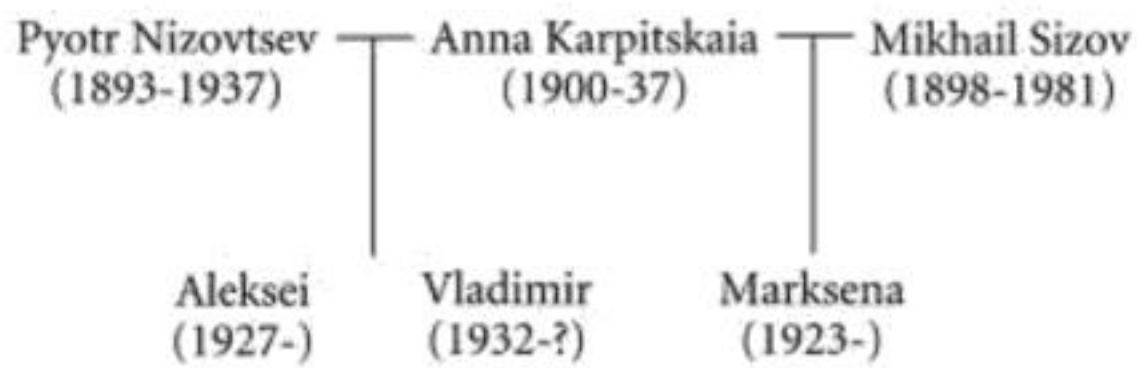
### A família Golovnia-Babitsky



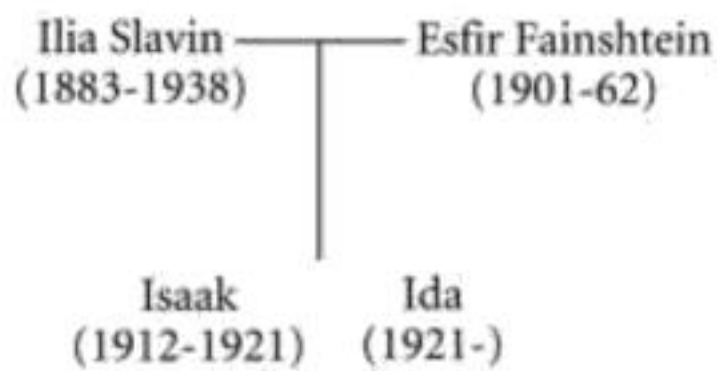
### A família Konstantinov



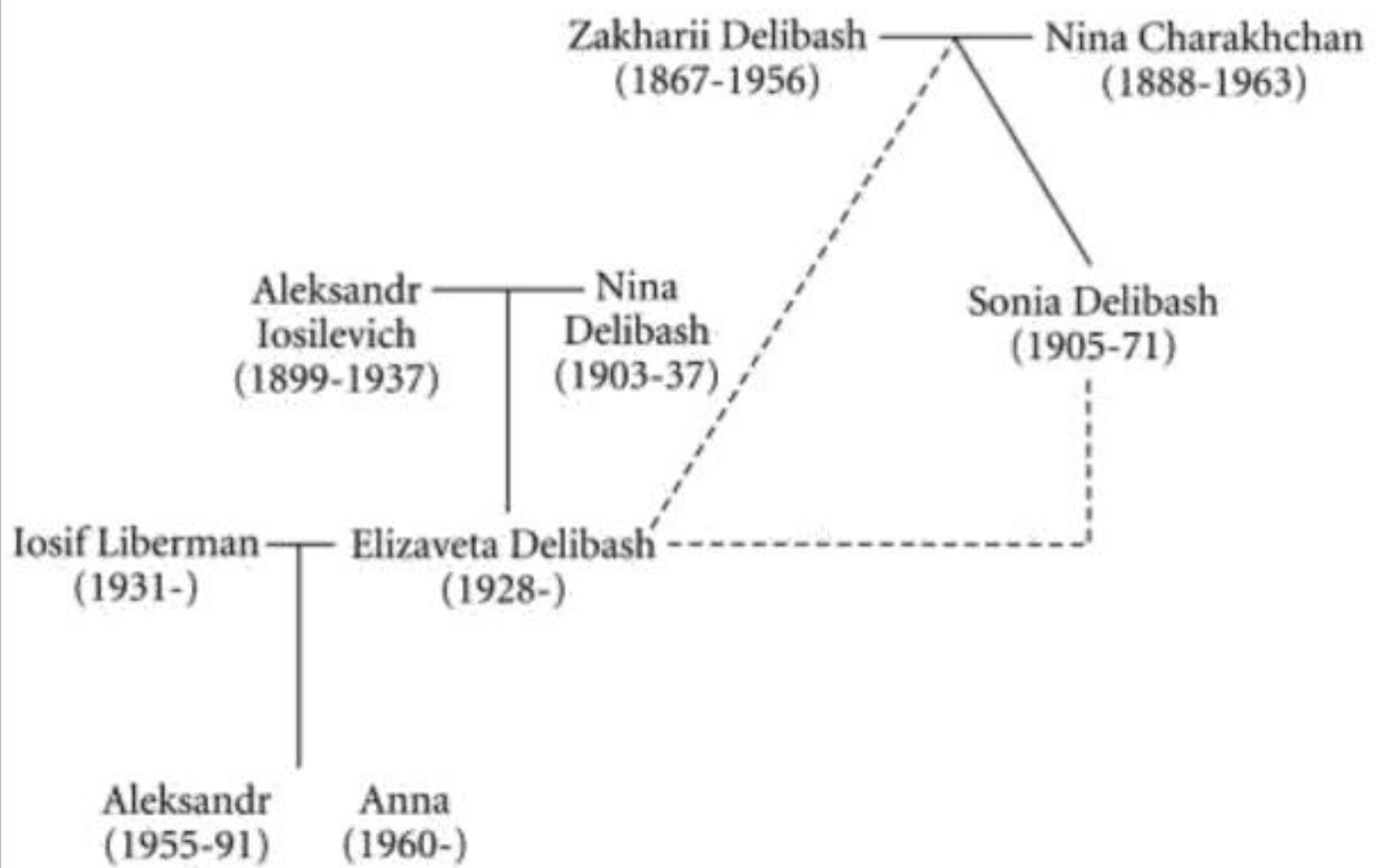
### A família Nizovtsev-Karpitskaia

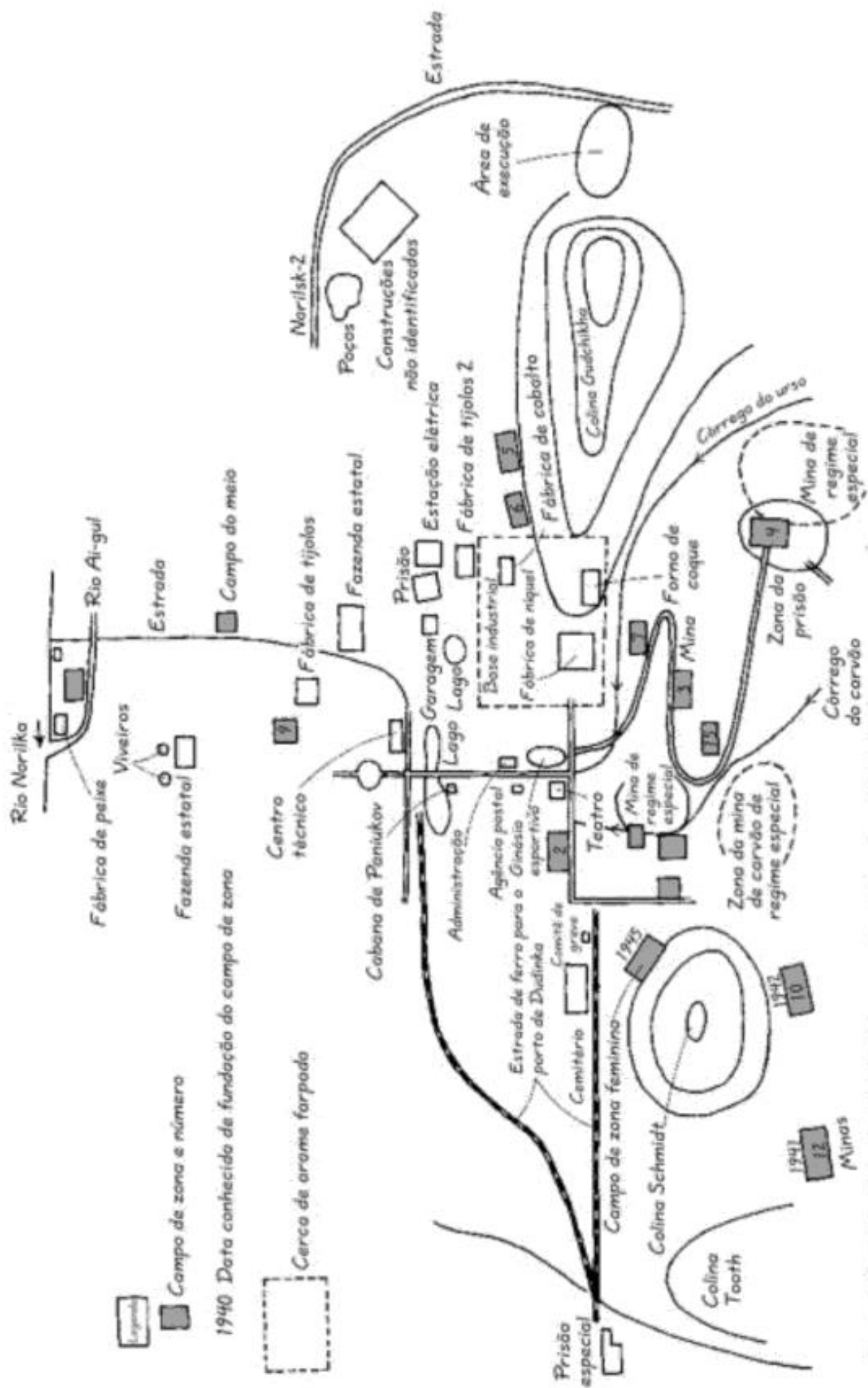


### A família Slavin



## A família Delibash-Liberman





**Campo de trabalhos de Norilsk e complexo de minas (Gorlag)**

Baseado em um mapa desenhado por Leonid Kononov, um prisioneiro de Norilsk, em 1949.

O mapa de Kononov não é confiável em relação ao número de campos de zona e a "área de execução" provavelmente não era tão grande como os prisioneiros imaginavam. (fonte: MM, f. 1, op. 1, d. 242)

## Introdução

Antonina Golovina tinha 8 anos quando foi exilada com a mãe e dois irmãos mais novos para a remota região de Altai, na Sibéria. Seu pai fora preso e condenado a três anos em um campo de trabalhos como um *kulak*, ou camponês “rico”, durante a coletivização da cidade no norte da Rússia onde viviam. A família perdeu para a fazenda coletiva a propriedade em que morava, ferramentas agrícolas e animais. A mãe de Antonina recebera apenas uma hora para separar algumas poucas roupas para a longa viagem. Depois, a casa na qual os Golovin tinham morado por gerações foi destruída, e o resto da família dispersou-se: o irmão e a irmã mais velhos de Antonina, além dos avós, tios, tias e primos, fugiram em todas as direções para não serem presos, mas a maioria deles foi capturada pela polícia e exilada para a Sibéria, ou enviada para os campos de trabalho do Gulag, e muitos deles nunca mais foram vistos.

Antonina passou três anos em um “assentamento especial”, um campo madeireiro com cinco barracões de madeira ao longo da margem de um rio onde mil *kulaks* e suas famílias foram instalados. Depois que dois dos barracões foram destruídos pela forte neve do primeiro inverno, alguns dos exilados precisaram morar em buracos escavados no solo congelado. Não havia fornecimento de alimentos porque o assentamento estava isolado pela neve, de modo que as pessoas precisavam sobreviver dos suprimentos que haviam trazido de casa. Tantos morreram de fome, frio e tifo que não foi possível enterrar todos os mortos — os corpos ficaram congelados em pilhas até a primavera, quando foram jogados no rio.

Antonina e a família retornaram do exílio em dezembro de 1934 e, reunidos com o pai, mudaram-se para uma casa de um cômodo em Pestovo, uma cidade cheia de antigos *kulaks* e suas famílias. Mas o trauma que sofrera deixara uma cicatriz profunda em sua consciência, e a ferida mais marcante de todas era o estigma da origem *kulak*. Em uma sociedade na qual a classe social era tudo, Antonina era estigmatizada como uma “inimiga da classe”, excluída de escolas superiores e de muitos empregos, permanecendo sempre vulnerável a perseguições e prisões nas ondas de terror que varreram o país durante o reinado de Stalin. A noção de inferioridade social cultivou em Antonina o que ela própria descreve como uma “espécie de medo”, que “por sermos *kulaks*, o regime poderia fazer o que quisesse conosco, não tínhamos direitos, precisávamos sofrer em silêncio”. Ela tinha medo demais para se defender das crianças que a maltratavam na escola. Em uma ocasião, um professor resolveu punir Antonina e disse diante de toda a classe que pessoas “do tipo dela” eram “inimigos do povo, malditos *kulaks*! Vocês certamente mereciam ser deportados, espero que todos sejam exterminados aqui!” Antonina sentiu-se vítima de uma injustiça profunda e uma raiva que lhe davam vontade de gritar em protesto — mas foi silenciada por um medo ainda maior.<sup>1</sup>

Esse medo acompanhou Antonina durante toda a vida. A única forma que encontrou para superá-lo foi mergulhar na sociedade soviética. Antonina era uma jovem inteligente com um forte senso de individualidade. Determinada a superar o estigma de seu nascimento, estudou com dedicação na escola para que, um dia, pudesse ser aceita como uma igual social. Apesar da discriminação, saiu-se bem nos estudos, e sua autoconfiança aumentou gradualmente. Ela até chegou a se filiar à Komsomol, a Liga Comunista da Juventude de Toda a União, cujos líderes fizeram vista grossa para sua origem *kulak* porque valorizavam sua iniciativa e energia. Aos 18 anos, Antonina tomou uma decisão ousada que definiu seu destino: ela ocultou sua origem das autoridades — uma estratégia de alto risco — e até falsificou os

próprios documentos para que pudesse ingressar na faculdade de medicina. Ela nunca falou sobre a família para os amigos ou colegas no Instituto de Fisiologia de Leningrado, onde trabalhou durante 40 anos. Tornou-se membro do Partido Comunista (e permaneceu como tal até a abolição do Partido, em 1991), não por acreditar na ideologia do Partido — pelo menos, é o que diz hoje —, mas porque desejava proteger a família e não queria levantar suspeitas. Talvez também sentisse que ser membro do Partido ajudaria sua carreira e na conquista de reconhecimento profissional.

Antonina ocultou dos dois maridos a verdade sobre seu passado, tendo vivido mais de vinte anos com cada um. Ela e o primeiro marido, Georgii Znamensky, eram amigos havia muito tempo, mas raramente conversavam sobre o passado de suas famílias. Em 1987, Antonina recebeu uma visita de uma das tias de Georgii, que deixou escapar que ele era filho de um oficial naval tsarista executado pelos bolcheviques. Durante todos aqueles anos, sem saber, Antonina estivera casada com um homem que, como ela, passara a juventude em campos de trabalho e “assentamentos especiais”.

O segundo marido de Antonina, um estoniano chamado Boris Ioganson, também vinha de uma família de “inimigos do povo”. O pai e o avô de Boris haviam sido presos em 1937, apesar de Antonina não ter descoberto isto nem ter contado ao marido sobre o próprio passado até o início da década de 1990, quando, encorajada pela política da *glasnost* introduzida por Mikhail Gorbachev e pelas críticas abertas na mídia às repressões stalinistas, o casal finalmente começou a conversar. Antonina e Georgii também aproveitaram a oportunidade para revelar as próprias histórias secretas que haviam escondido um do outro por mais de 40 anos. Mas não falaram sobre o assunto com a filha, Olga, uma professora, porque temiam um contra-ataque comunista e acreditavam que o desconhecimento a protegeria se os stalinistas retornassem. Foi apenas muito gradualmente, na metade da década de 1990, que Antonina finalmente superou o medo e teve coragem para contar à filha sobre sua origem *kulak*.



*Sussurros* revela as histórias ocultas de muitas famílias como os Golovin que, juntas, lançam luz de modo inédito sobre o mundo interior de cidadãos soviéticos comuns vivendo sob a tirania de Stalin. Muitos livros descrevem os aspectos externos do Terror — as prisões e os julgamentos, as escravizações e os assassinatos no Gulag —, mas *Sussurros* é o primeiro a explorar com profundidade sua influência na vida pessoal e familiar. Como o povo soviético conduzia sua vida privada durante o governo de Stalin? O que as pessoas realmente pensavam e sentiam? Que tipo de vida privada era possível nos apartamentos comunais abarrotados de gente, nos quais morava a maior parte da população, onde quartos eram divididos por uma família inteira — às vezes até por mais de uma família — e onde todas as conversas podiam ser ouvidas no quarto ao lado? O que significava a vida privada quando o Estado tocava em quase todos os aspectos dela por meio da legislação, da vigilância e do controle ideológico?

Assim como Antonina, milhões de pessoas viviam em um estado de medo constante porque os parentes haviam sido reprimidos. Como lidavam com tal insegurança? Que tipo de equilíbrio era possível atingir entre os sentimentos naturais de injustiça e alienação do sistema soviético e a necessidade de encontrar um lugar nele? Que ajustes foram necessários para que superassem o estigma da “biografia comprometida” e fossem aceitos como integrantes iguais da sociedade? Refletindo sobre sua vida, Antonina diz que nunca acreditou realmente no Partido e em sua ideologia, apesar de, claramente, ter orgulho da posição de profissional soviética, o que envolvia a aceitação dos objetivos e princípios básicos do sistema nas atividades desempenhadas como médica. Talvez levasse uma vida dupla, adequando-se às normas soviéticas na vida pública, enquanto, na vida privada, continuava a sentir o contrapeso dos valores de cristãos camponeses defendidos pela família. Muitos soviéticos viviam esse tipo de dualidade. Mas também havia as crianças *kulaks*, sem falar nas que nasciam em famílias de origem nobre ou burguesa e rompiam completamente com o passado, mergulhando ideológica e

emocionalmente no sistema soviético.

A esfera moral da família é o principal território de *Sussurros*. O livro explora como as famílias reagiam às várias pressões do regime soviético. Como preservavam tradições e crenças e as transmitiam aos filhos se seus valores conflitavam com os objetivos públicos e com a moral do sistema soviético inculcados na geração mais nova por meio das escolas e de instituições como a Komsomol? Como viver em um sistema regido pelo terror afetava os relacionamentos íntimos? O que as pessoas pensavam quando um marido ou uma esposa, um pai ou uma mãe eram presos de repente como “inimigos do povo”? Na condição de cidadãos soviéticos leais, como resolviam na própria mente o conflito entre confiar nas pessoas em que amavam e acreditar no governo que temiam? Como poderiam os sentimentos e as emoções humanas ter qualquer tipo de força no vácuo moral do regime stalinista? Quais foram as estratégias de sobrevivência, os silêncios, as mentiras, as amizades e traições, as concessões e acomodações morais que moldaram milhões de vidas?

Pois foram poucas as famílias intocadas pelo terror stalinista. Estimativas conservadoras mostram que cerca de 25 milhões de pessoas foram reprimidas pelo regime soviético entre 1928, quando Stalin assumiu o controle da liderança do Partido, e 1953, quando o ditador morreu e seu reino de horror, se não o sistema que desenvolvera em um quarto de século, chegou ao fim. Esses 25 milhões — pessoas mortas por esquadrões de execuções, prisioneiros do Gulag, *kulaks* enviados para “assentamentos especiais”, trabalhadores escravos de vários tipos e membros de nacionalidades deportadas — representam cerca de um oitavo da população soviética, que em 1941 era de aproximadamente 200 milhões, ou, em média, uma pessoa para cada 1,5 família na União Soviética. Esses números não contabilizam vítimas da fome nem mortos em guerras.<sup>2</sup> Além dos milhões que morreram ou foram escravizados, houve dezenas de milhões de pessoas, parentes das vítimas de Stalin, cujas vidas foram prejudicadas de modos perturbadores, com consequências sociais

profundas sentidas até hoje. Depois de anos de separação pelo Gulag, famílias não puderam ser reunidas facilmente, relacionamentos foram perdidos, e não havia mais nenhuma “vida normal” para a qual se pudesse retornar.

Uma população silenciosa e conformista é uma consequência duradoura do reino de Stalin. Famílias como os Golovin aprenderam a não falar sobre o passado — algumas pessoas, como Antonina, chegavam a ocultá-lo dos amigos mais próximos e de parentes. Crianças eram ensinadas a ficar de boca fechada, a não falar para ninguém sobre as próprias famílias, a não julgar e nem criticar qualquer coisa que vissem fora de casa. “Havia certas regras para escutar e falar que nós, crianças, precisávamos aprender”, recorda a filha de um oficial bolchevique de médio escalão que cresceu na década de 1930:

Sabíamos que não podíamos repetir para ninguém o que escutávamos os adultos sussurrando ou o que os ouvíamos dizer pelas nossas costas. Teríamos problemas até mesmo se deixássemos que soubessem que tínhamos escutado o que haviam dito. Às vezes, os adultos falavam alguma coisa e depois nos diziam: “as paredes têm ouvidos”, ou “segure sua língua”, ou alguma outra expressão que era interpretada como uma indicação de que o que tinham acabado de falar não deveria ter sido ouvido por nós.<sup>3</sup>

Outra mulher, cujo pai foi preso em 1936, recorda:

Crescemos aprendendo a ficar de boca fechada. “Você terá problemas por causa de sua língua” — era isso que diziam para nós, crianças, o tempo todo. Vivíamos com medo de falar. Minha mãe costumava dizer que todos eram informantes. Tínhamos medo dos vizinhos e especialmente da polícia... Ainda hoje, quando vejo um policial, tremo de medo.<sup>4</sup>

Em uma sociedade na qual se acreditava que pessoas eram presas por causa de línguas soltas, as famílias sobreviviam se mantendo reservadas. Aprendiam a levar vidas duplas, ocultando dos olhos e ouvidos de vizinhos perigosos, e às vezes até mesmo dos próprios

filhos, informações e opiniões, crenças religiosas, valores e tradições familiares e modos de existência privada que iam contra as normas públicas soviéticas. Elas aprenderam a sussurrar.

A língua russa possui duas palavras para um “sussurrador” — uma para quem sussurra por temer ser ouvido (*shepchushchii*) e outra para a pessoa que informa ou sussurra pelas costas das pessoas para as autoridades (*sheptun*). A origem da distinção está no idioma da era de Stalin, quando toda a sociedade soviética era formada por um tipo ou outro de sussurrador.

\*\*\*

*Sussurros* não é sobre Stalin, apesar de sua presença ser sentida em cada página, nem diretamente sobre a política de seu regime, mas sim sobre a maneira pela qual o stalinismo entrou na mente e nas emoções das pessoas, afetando todos os valores e relacionamentos. O livro não tenta resolver o enigma das origens do terror nem fazer uma tabela da ascensão e queda do Gulag, mas tem o objetivo de explicar como o Estado policial foi capaz de se enraizar na sociedade soviética e envolver milhões de pessoas comuns nos papéis de espectadores silenciosos e colaboradores de seu sistema de terror. O poder real e o legado duradouro do sistema stalinista não estavam nas estruturas do Estado nem no culto ao líder, mas como o historiador russo Mikhail Gefter certa vez observou, “no stalinismo que entrou em todos nós”.<sup>5</sup>

Os historiadores demoraram a entrar no mundo interior da Rússia de Stalin. Até recentemente, as pesquisas abordavam principalmente a esfera pública, política e ideologia, e a experiência coletiva das “massas soviéticas”. O indivíduo — quando ele chegava a aparecer — era apresentado principalmente como alguém que escrevia cartas às autoridades (ou seja, como um agente público, não como um indivíduo ou membro de uma família). A esfera privada de pessoas comuns era largamente oculta. O problema óbvio eram as fontes. A maior parte das coleções particulares (*lichnye fondy*) nos arquivos

antigos da extinta União Soviética e do Partido pertencia a figuras conhecidas nos mundos da política, da ciência e da cultura. Os documentos nessas coleções foram selecionados cuidadosamente pelos proprietários para doação ao Estado e estão relacionados principalmente com as vidas públicas dessas figuras. Dos milhares de coleções pessoais analisados nos primeiros estágios da pesquisa para este livro, pouco mais de um punhado revelou algo sobre a vida familiar ou pessoal.<sup>1</sup>

As memórias publicadas na União Soviética, ou acessíveis nos arquivos soviéticos antes de 1991, também costumam ser pouco reveladoras no que diz respeito à experiência privada das pessoas que as escreveram, apesar de haver algumas exceções, especialmente entre as publicadas durante o período da *glasnost*, depois de 1985.<sup>6</sup> As memórias de intelectuais emigrados da União Soviética e de sobreviventes soviéticos das repressões stalinistas publicadas no Ocidente não são menos problemáticas, apesar de terem sido amplamente recebidas como a “voz autêntica dos silenciados”, que nos dizia como “tinha sido” viver como cidadão comum durante o terror de Stalin.<sup>7</sup> No auge da guerra fria, no princípio da década de 1980, a imagem ocidental do regime stalinista era dominada por essas narrativas de sobrevivência da *intelligentsia*, especialmente as de Yevgeniia Ginzburg e de Nadezhda Mandelshtam, que forneceram provas em primeira mão da concepção liberal do espírito humano individual como força de oposição interna à tirania soviética.<sup>8</sup> Tal visão moral — preenchida e simbolizada pela vitória da “democracia” em 1991 — teve uma grande influência sobre as incontáveis memórias escritas após o colapso do regime soviético.<sup>9</sup> Ela também teve um impacto sobre os historiadores, que depois de 1991 estavam mais inclinados do que nunca a enfatizar a força da resistência popular à ditadura stalinista.<sup>10</sup> Mas apesar de tais memórias contarem uma verdade para muitas pessoas que sobreviveram ao terror, especialmente para a *intelligentsia* fortemente comprometida com

ideais de liberdade e de individualismo, elas não falam pelos milhões de pessoas comuns, incluindo muitas vítimas do regime stalinista, que não compartilhavam da mesma liberdade interior ou do mesmo sentimento de discordância, mas, ao contrário, aceitavam silenciosamente e internalizavam os valores básicos do sistema, conformavam-se com as regras públicas e, talvez, colaboravam com seus crimes.

Inicialmente, os diários descobertos nos arquivos pareciam mais promissores. Eles são muito variados (diários de escritores, diários de trabalho, almanaques literários, livros de anotações, crônicas diárias e outros), mas poucos do período de Stalin revelam algo de modo confiável — sem esquemas interpretativos intrusivos — sobre os sentimentos e as opiniões de seus escritores. Poucas pessoas corriam o risco de escrever diários particulares nas décadas de 1930 e 1940. Quando uma pessoa era presa — e quase todo mundo podia ser preso a qualquer momento —, a primeira coisa a ser confiscada era seu diário, que provavelmente seria utilizado como prova incriminatória se contivesse pensamentos ou sentimentos que pudessem ser considerados “antissoviéticos” (o escritor Mikhail Prishvin escreveu seu diário em uma caligrafia minúscula, que quase não era legível com uma lente de aumento, para ocultar seus pensamentos da polícia caso fosse preso e confiscassem seu diário). De modo geral, os diários publicados durante o período soviético foram escritos por intelectuais que eram muito cuidadosos com as próprias palavras.<sup>11</sup> Depois de 1991, mais diários — incluindo alguns de integrantes dos escalões intermediários e inferiores da sociedade soviética — começaram a aparecer nos antigos arquivos soviéticos ou vieram à luz por meio de iniciativas voluntárias como o Arquivo do Povo em Moscou (TsDNA).<sup>12</sup> Mas, de modo geral, o *corpus* dos diários da era de Stalin permanece limitado (apesar de ainda mais poder ser encontrado nos arquivos da antiga KGB), sendo pequeno demais para que possa conduzir a conclusões abrangentes sobre o mundo interior de cidadãos comuns. Um problema adicional para o historiador da vida

privada é a “língua soviética” na qual muitos diários foram escritos e as ideias conformistas expressadas por eles; sem conhecimento dos motivos que levavam as pessoas a escrever os diários dessa forma (medo, crença ou modismo), a interpretação deles é difícil.<sup>13</sup>

Nos últimos anos, vários historiadores concentraram a atenção na “subjetividade soviética”, enfatizando, a partir da leitura de textos literários e particulares (principalmente diários), até que ponto a vida interior do cidadão individual era dominada pela ideologia do regime.<sup>14</sup> Segundo alguns historiadores, era praticamente impossível para o indivíduo pensar ou sentir de modo diferente dos termos definidos pelo discurso público dos políticos soviéticos, e, provavelmente, qualquer outro tipo de emoção ou pensamento deveria ser sentido como uma “crise pessoal” que precisava ser expurgada da personalidade.<sup>15</sup> A internalização de valores e ideais soviéticos é, na verdade, uma característica presente em muitas personagens de *Sussurros*, apesar de poucas se identificarem com o sistema stalinista no modo de automelhoria sugerido pelos historiadores como representativo da “subjetividade soviética”. Na maioria dos casos, as mentalidades soviéticas refletidas neste livro ocupavam uma região da consciência na qual antigos valores e crenças haviam sido suprimidos; elas foram adotadas pelo povo mais por vergonha e medo do que pelo desejo ardente de “tornar-se soviético”. Foi nesse sentido que Antonina resolveu ter um bom desempenho na escola e se tornar uma igual na sociedade — para que pudesse superar os próprios sentimentos de inferioridade (experimentados por ela como uma “espécie de medo”) por ser filha de um *kulak*. A imersão no sistema soviético era um meio de sobrevivência para a maioria das pessoas, incluindo muitas vítimas do regime stalinista, um modo necessário de silenciar suas dúvidas e seus temores, que, se fossem manifestados, poderiam tornar a vida impossível. Acreditar e colaborar com o projeto soviético era uma maneira de dar sentido ao sofrimento que sentiam, o qual, sem esse propósito maior, poderia conduzir ao desespero. Nas palavras de outra criança *kulak*, um

homem exilado por muitos anos como “inimigo do povo” que, apesar de tudo, permaneceu stalinista convicto durante toda a vida, “acreditar na justiça de Stalin... tornava mais fácil aceitar nossas punições e removia nosso medo”.<sup>16</sup>

Esses tipos de mentalidades são refletidos com menos frequência nos diários e cartas da era de Stalin — cujos conteúdos eram geralmente regidos pelas regras de escrita e de propriedade soviéticas que não permitiam o reconhecimento do medo — do que na história oral.<sup>17</sup> Historiadores do regime stalinista têm se voltado cada vez mais para as técnicas da história oral.<sup>18</sup> Como qualquer outra disciplina que seja refém dos truques da memória, a história oral possui as próprias dificuldades metodológicas, e na Rússia, uma nação ensinada a sussurrar, onde a memória da história soviética é sobreposta por mitos e ideologias, esses problemas são especialmente graves. Tendo vivido em uma sociedade na qual milhões foram presos por falarem inadvertidamente com informantes, muitas pessoas mais velhas são extremamente cautelosas ao falar com pesquisadores portando microfones (equipamentos associados à KGB). Por medo, vergonha ou estoicismo, esses sobreviventes suprimiram suas memórias dolorosas. Muitos são incapazes de refletir sobre a própria vida porque se acostumaram demais a evitar perguntas desconfortáveis sobre qualquer coisa, especialmente sobre as próprias escolhas morais em momentos definitivos de seus avanços pessoais no sistema soviético. Outros relutam em admitir que tenham feito coisas das quais se envergonham, com frequência justificando o comportamento ao citar motivos e crenças que impuseram ao próprio passado. Apesar desses desafios e, em muitos aspectos, por causa deles, a história oral oferece benefícios enormes ao historiador da vida privada, desde que tratada de modo adequado, o que significa um exame cruzado das provas das entrevistas e, sempre que possível, a confirmação delas em registros por escrito em arquivos particulares e públicos.

*Sussurros* é baseado em centenas de arquivos familiares (cartas, diários, documentos pessoais, memórias, fotografias e artefatos)



escondidos até pouco tempo por sobreviventes do terror de Stalin em gavetas secretas e sob colchões em casas particulares espalhadas pela Rússia. Em cada família, foram feitas longas entrevistas com os parentes mais velhos, que foram capazes de explicar o contexto dos documentos privados e situá-los na história praticamente não contada da família. O projeto de história oral ligado à pesquisa para este livro, que se concentra no mundo interior de famílias e de indivíduos, é notavelmente diferente de histórias orais anteriores ao período soviético, que eram principalmente sociológicas ou focadas nos detalhes externos do terror e na experiência do Gulag.<sup>19</sup> Esses materiais foram reunidos em um arquivo especial, que representa uma das maiores coleções de documentos sobre a vida privada no período de Stalin.<sup>2</sup>

As famílias cujas histórias são contadas em *Sussurros* representam uma amostragem bastante variada da sociedade soviética. Elas vêm de diversas origens sociais, de cidades, vilas e aldeias em toda a Rússia e incluem famílias que foram reprimidas e famílias cujos membros estavam envolvidos no sistema de repressão como agentes do NKVD ou administradores do Gulag. Houve também famílias que não foram tocadas pelo terror de Stalin, se bem que, estatisticamente, o número delas é muito pequeno.

A partir desses materiais, *Sussurros* define a história de uma geração nascida nos primeiros anos da Revolução, principalmente entre 1917 e 1925, cujas vidas, portanto, seguiram a trajetória do sistema soviético. Nos últimos capítulos, o livro também dá voz aos seus descendentes. Uma abordagem multigeracional é importante para a compreensão dos legados do regime. Durante três quartos de século, o sistema soviético influenciou a esfera moral da família; nenhum outro sistema totalitário teve um impacto tão profundo na vida privada de seu povo — nem mesmo a China comunista (a ditadura nazista, comparada com frequência ao regime stalinista, durou apenas 12 anos). A tentativa de compreender o fenômeno stalinista sob o ponto de vista da *longue durée* também coloca este

livro à parte dos outros. Histórias anteriores sobre o assunto concentraram-se principalmente na década de 1930 — como se uma explicação para o Grande Terror de 1937-38 fosse a única coisa necessária para a compreensão da essência do regime stalinista. O Grande Terror foi, de longe, o episódio mais mortífero do reino de Stalin (respondendo por 85% das execuções políticas realizadas entre 1917 e 1955). Mas foi apenas uma de diversas séries de ondas repressoras (1918-21, 1928-31, 1934-5, 1937-8, 1943-6, 1948-53) que destruíram muitas vidas; a população dos campos de trabalho do Gulag e dos “assentamentos especiais” atingiu o ápice não em 1938, mas em 1953. E o impacto desse longo reino de terror continuou a ser sentido por milhões de pessoas durante muitas décadas após a morte de Stalin.

As histórias familiares entrelaçadas através da narrativa pública de *Sussurros* provavelmente são numerosas demais para serem seguidas pelo leitor como narrativas individuais, apesar de o índice poder ser utilizado para relacioná-las deste modo. Na verdade, devem ser lidas como variações de uma história comum — do stalinismo que marcou a vida de todas as famílias. Mas existem diversas famílias, incluindo os Golovin, cujas histórias atravessam toda a narrativa, e existe uma árvore genealógica para cada uma delas. No coração de *Sussurros* estão os Laskin e os Simonov, famílias ligadas pelo casamento, cujos destinos contrastantes no terror de Stalin tornaram-se tragicamente relacionados.

Konstantin Simonov (1915-79) é a figura central e talvez (dependendo do ponto de vista do leitor) o herói trágico de *Sussurros*. Nascido em uma família nobre que sofreu repressão do regime soviético, Simonov refez-se como um “escritor proletário” na década de 1930. Apesar de praticamente esquecido hoje em dia, Simonov foi uma figura importante no *establishment* literário soviético — tendo recebido seis prêmios Stalin, um prêmio Lenin e um prêmio de Herói do Trabalho Socialista. Ele era um poeta lírico talentoso, e seus romances que falavam sobre a guerra eram imensamente populares.

Suas peças podem ter sido fracas e propagandísticas, mas ele era um jornalista de primeira linha — um dos melhores da Rússia durante a guerra. E, mais tarde na vida, foi um memorista magnífico, que examinou honestamente os próprios pecados e concessões morais em relação ao regime stalinista. Em 1939, Simonov casou com Yevgeniia Laskina, a mais jovem de três filhas de uma família judia que viera para Moscou da Zona de Residência, mas logo a abandonou e o bebê que tiveram para cortejar a bela atriz Valentina Serova — um romance que inspirou seu poema mais famoso, “Espere por Mim” (1941), conhecido de cor por quase todo soldado que lutava para voltar aos braços da namorada ou da esposa. Simonov tornou-se uma figura importante na União de Escritores entre 1945 e 1953, período em que os líderes da literatura soviética foram convocados pelos ideólogos de Stalin para participar da perseguição aos colegas que fossem considerados excessivamente liberais e para se juntar ao coro da campanha contra os judeus nas artes e nas ciências. Uma das vítimas desse antissemitismo oficial foi a família Laskin, mas àquela altura Simonov já estava envolvido demais com o regime stalinista para ajudá-la. De todo modo, talvez não houvesse nada que pudesse fazer.

Simonov era um personagem complexo. Herdou dos pais os valores do serviço público da aristocracia e, especialmente, o caráter de dever e obediência militares que, em sua mente, foram assimilados como as virtudes soviéticas do ativismo público e do sacrifício patriótico, capacitando-o a assumir seu lugar na hierarquia do comando stalinista. Simonov tinha muitas qualidades humanas admiráveis. Se fosse possível ser um “stalinista bom”, ele poderia se enquadrar na categoria. Era honesto e sincero, organizado e estritamente disciplinado, apesar de não carecer de calor nem de charme. Ativista por educação e temperamento, perdeu-se no sistema soviético ainda jovem e carecia de meios para se libertar de suas pressões e exigências morais. Nesse sentido, Simonov incorporava todos os conflitos e dilemas morais de sua geração — aquela cujas vidas foram obscurecidas pelo regime stalinista —, e compreender

seus pensamentos e ações talvez seja compreender esse período.

---

1. As coleções particulares mantidas em arquivos de ciência, literatura e arte (por exemplo, SPbF ARAN, RGALI, IRL RAN) algumas vezes são mais reveladoras, embora a maioria tenha fechado seções nas quais estava a maioria dos documentos privados. Depois de 1991, alguns dos antigos arquivos soviéticos pertencentes a coleções particulares foram doados por famílias comuns — por exemplo, os Ts MANLS, que tinham uma grande quantidade de documentos particulares que haviam pertencido aos moscovitas.
2. A maior parte dos arquivos foi reunida pelo autor em colaboração com a Memorial Society, uma associação de direitos humanos e história organizada no final dos anos 1980 para representar as vítimas da repressão soviética. Localizados nos arquivos da Memorial Society em São Petersburgo (MSP), Moscou (MM) e Perm (MP), a maioria também está disponível on line ([www.orlandofiges.com](http://www.orlandofiges.com)), com transcrições e arquivos sonoros das entrevistas. Parte do material está disponível em inglês. Para mais detalhes do projeto de pesquisa relacionado a este livro, ver o Epílogo e os Agradecimentos.

## Crianças de 1917

(1917-28)

Elizaveta Drabkina não reconheceu o pai quando o viu no Instituto Smolny, o quartel-general bolchevique, em outubro de 1917. Tinha apenas 5 anos na última vez em que o vira, pouco antes de desaparecer no submundo revolucionário. Agora, 12 anos depois, ela havia se esquecido de como ele era. Conhecia-o apenas pelo pseudônimo que utilizava no Partido. Como secretária do Instituto Smolny, Elizaveta estava familiarizada com o nome “Sergei Gusev” por meio das dúzias de decretos que ele assinara como presidente do Comitê Militar Revolucionário do Conselho de Petrogrado, corpo encarregado da manutenção da lei e da ordem na capital. Atravessando apressada os intermináveis corredores arqueados do Smolny, onde soldados em descanso e Guardas Vermelhos gracejavam e assoviavam quando passava, Elizaveta distribuía os decretos para os escritórios improvisados do novo governo soviético, instalado nas salas de aula daquela antiga escola para mulheres nobres, que mais parecia um quartel. Mas quando disse aos outros secretários que a assinatura

pertencia ao seu pai, desaparecido há anos, ninguém achou nada demais. Nunca sugeriram que o contatasse. Nesses círculos, nos quais se esperava que cada bolchevique subordinasse os interesses pessoais à causa comum, era considerado “filistinismo” pensar na própria vida em um momento no qual o Partido estava envolvido na luta decisiva pela libertação da humanidade.<sup>1</sup>

No final, foi a fome que levou Elizaveta a procurar o pai. Ela acabara de almoçar no porão-refeitório enfumaçado quando um homem pequeno, mas musculoso e bonito, em trajes militares e com um pincenê, entrou, seguido por uma comitiva de trabalhadores do Partido e de Guardas Vermelhos, e sentou-se na longa mesa central, onde dois soldados estavam servindo sopa de repolho e mingau para os proletários ansiosos. Elizaveta continuava com fome. De uma mesa menor em um canto, ela observou o recém-chegado, enquanto ele tomava a sopa com uma colher em uma das mãos e, com um lápis na outra, assinava os papéis que os acompanhantes colocavam à sua frente.

De repente, ouvi alguém chamá-lo: “Camarada Gusev.”

Percebi que aquele homem devia ser meu pai. Sem pensar, levantei-me e fui em sua direção, espremendo-me entre as mesas lotadas.

“Camarada Gusev, preciso de você”, disse eu. Ele voltou-se para mim. Parecia muito cansado. Seus olhos estavam vermelhos por causa do sono.

“Estou ouvindo, camarada!”

“Camarada Gusev, sou sua filha. Dê-me três rublos para comprar uma refeição.”

Talvez ele estivesse tão cansado que só tenha prestado atenção ao pedido de três rublos.

“Obviamente, camarada”, disse Gusev, colocando a mão no bolso e retirando uma pequena nota de três rublos. Peguei o dinheiro, agradeci e comprei outro almoço.<sup>2</sup>

Lenin amava esta história. Ele costumava chamar Drabkina para recontá-la nos anos que antecederam sua morte, em 1924, quando os dois se aproximaram. A história adquiriu caráter lendário nos círculos do Partido, ilustrando o ideal bolchevique de sacrifício pessoal e dedicação abnegada à causa revolucionária. Como Stalin diria: “Um

bolchevique verdadeiro não devia nem podia ter uma família, porque devia se dedicar integralmente ao Partido.”<sup>3</sup>

Os Drabkin eram um bom exemplo desse princípio revolucionário. O pai de Elizaveta (cujo nome verdadeiro era Iakov Drabkin) filiara-se aos Democratas Sociais de Lenin em 1895, quando ainda estava na escola. A mãe, Feodosia, era uma agente importante (“Natasha”) no submundo do Partido, que, frequentemente e como disfarce, levava a filha consigo nas muitas viagens que fazia para Helsingfors (Helsinki) para comprar munição para os revolucionários em São Petersburgo (a dinamite e os cartuchos eram contrabandeados de volta em uma mala que continha os brinquedos de Elizaveta). Depois da frustrada Revolução de 1905, os pais de Elizaveta foram forçados pela polícia do tsar a se esconder. A menina, então com 5 anos, foi morar com o avô em Rostov, onde permaneceu até a Revolução de Fevereiro de 1917, quando todos os revolucionários foram libertados pelo recém-instaurado Governo Provisório.<sup>3</sup> Elizaveta reuniu-se à mãe em Petrogrado (antigo nome de São Petersburgo), onde se filiou ao Partido Bolchevique, tornou-se operadora de metralhadora na Guarda Vermelha, participou da invasão do Palácio de Inverno durante a tomada do poder pelos bolcheviques em 25 de outubro e foi contratada como secretária de Iakov Sverdlov, principal organizador do Partido dos bolcheviques. O trabalho levou-a a Smolny, onde seu pai, Gusev, também trabalhava.<sup>4</sup>

Os líderes bolcheviques instigavam suas fileiras a seguir o exemplo dos revolucionários da Rússia tsarista, que haviam “sacrificado a felicidade pessoal e renunciado às famílias para servir à classe operária”.<sup>4</sup> Eles criaram o culto ao “revolucionário abnegado”, construindo uma nova moralidade na qual todos os antigos mandamentos foram substituídos pelo princípio único de serviço ao Partido e à sua causa. Na visão utópica deles, o ativista revolucionário era um protótipo de uma nova espécie de ser humano — uma “personalidade coletiva” que viveria apenas pelo bem comum — que popularia o futuro da sociedade comunista. Muitos socialistas viam a

criação desse tipo de ser humano como o objetivo fundamental da Revolução. “A nova estrutura da vida política exige de nós uma nova estrutura da alma”, escreveu Máximo Gorki na primavera de 1917.<sup>5</sup>

Para os bolcheviques, a realização radical da “personalidade coletiva” envolvia “romper a concha que envolve a vida privada”. A permissão para que houvesse uma “distinção entre vida privada e vida pública”, defendia a mulher de Lenin, Nadezhda Krupskaja, “levará, mais cedo ou mais tarde, à traição do comunismo”.<sup>6</sup> Segundo os bolcheviques, a ideia de uma “vida privada” separada do âmbito da política não fazia sentido, pois a política afetava tudo; não havia nada na suposta “vida privada” de uma pessoa que não fosse política. A esfera pessoal devia, portanto, estar submetida à supervisão e ao controle público. Espaços privados além do controle do Estado foram considerados pelos bolcheviques como perigosas áreas de reprodução de contrarrevolucionários, que precisavam ser expostos e extirpados.

Elizaveta viu o pai poucas vezes depois do encontro. Ambos estavam preocupados com atividades revolucionárias. Depois de 1917, Elizaveta continuou a trabalhar no gabinete de Sverdlov; durante a Guerra Civil (1918-20), serviu no Exército Vermelho, primeiro como assistente médica e depois como operadora de metralhadora, atirando contra os Exércitos Brancos, ou contrarrevolucionários, e contra os poderes ocidentais que os apoiavam na Sibéria, no território báltico e no sul da Rússia. Durante a campanha contra o Exército Branco do almirante Koldchak no *front* oriental, ela chegou a combater sob o comando do pai, que àquela altura mantinha uma posição sênior no Conselho Militar Revolucionário, o órgão central de comando das forças soviéticas, lideradas por Leon Trotski. Elizaveta com frequência ouvia o pai falar aos soldados, mas nunca o abordou porque, como disse posteriormente, não achava que os bolcheviques devessem “se preocupar com questões pessoais”. Eles encontraram-se apenas duas vezes durante a Guerra Civil, uma vez no funeral de Sverdlov, em março de 1919, e depois, ainda no mesmo ano, em uma reunião oficial no Kremlin. Na década de 1920, quando tanto pai quanto filha



estavam envolvidos ativamente no trabalho do Partido em Moscou, os dois se encontraram com mais frequência, chegando a morar juntos durante um tempo, mas nunca se tornaram próximos. Haviam passado tanto tempo afastados que não conseguiram criar uma relação familiar. “Meu pai nunca falava sobre ele para mim”, lembrou Elizaveta, “e agora percebo que só passei a conhecê-lo depois de sua morte [em 1933], quando as pessoas me contaram histórias a seu respeito.”<sup>7</sup>

A Guerra Civil não foi apenas um embate militar contra os Exércitos Brancos: foi uma guerra revolucionária contra os interesses privados da antiga sociedade. Para combaterem os Brancos, os bolcheviques desenvolveram sua primeira versão de economia planejada (comunismo de guerra), que se tornaria um modelo para os Planos Quinquenais de Stalin. Eles tentaram pôr fim ao comércio privado e à propriedade (havia até planos para a substituição do dinheiro por racionamento universal); tomaram os grãos dos camponeses para alimentar as cidades e as tropas; convocaram milhões de pessoas para exércitos de trabalho, utilizados no “*front econômico*” para cortar árvores, obter combustível, construir estradas e consertar ferrovias; impuseram formas experimentais de trabalho coletivo e de moradia em dormitórios e casernas ligadas a fábricas; lutaram contra a religião, perseguindo padres e fiéis e fechando centenas de igrejas; e silenciaram toda a dissidência e oposição à Ditadura do Proletariado. No “*front interno*” da Guerra Civil, os bolcheviques lançaram uma campanha de terror (o “Terror Vermelho”) contra “a burguesia” — antigos oficiais tsaristas, proprietários de terras, mercadores, camponeses *kulaks*, pequenos comerciantes e a antiga *intelligentsia* — cujos valores individualistas tornavam-nos apoiadores em potencial dos Brancos e de outros “contrarrevolucionários”. Os bolcheviques acreditavam que esse expurgo violento da sociedade ofereceria um atalho para a utopia comunista.

Na primavera de 1921, as políticas do comunismo de guerra

tinham arruinado a economia soviética e deixado boa parte dos camponeses russos à beira da inanição. Um quarto dos camponeses da Rússia soviética estava morrendo de fome. Em todo o país, os camponeses levantaram-se contra o regime bolchevique e suas requisições de grãos em uma série de rebeliões que, segundo o próprio Lenin, eram “muito mais perigosas do que todos os Brancos juntos”. Em boa parte da Rússia rural, o poder praticamente deixara de existir, à medida que os camponeses assumiam o controle das aldeias e cortavam o suprimento de grãos para as cidades. Trabalhadores famintos entraram em greve. Os marinheiros da base naval de Kronstadt, que ajudaram os bolcheviques a tomar o poder na região de Petrogrado, em outubro de 1917, voltaram-se contra eles em um motim cujos cartazes de revolta com inspiração anarquista pediam eleições livres para os soviéticos, “liberdade de expressão, de imprensa e de assembleia para todos os trabalhadores” e “liberdade para os camponeses trabalharem a terra como quiserem”. Estava claro que os bolcheviques estavam enfrentando uma situação revolucionária. “Estamos nos segurando a duras penas”, reconheceu Lenin no princípio de março. Trotski, que chamara os marinheiros de Kronstadt de “orgulho e alegria da Revolução”, liderou o ataque à base naval. Poder militar e terror impiedoso foram utilizados em medidas iguais contra os levantes camponeses. Estima-se que 100 mil pessoas tenham sido presas ou deportadas e que 15 mil tenham sido mortas durante a supressão das revoltas. Mas Lenin também percebeu que os bolcheviques precisariam abandonar as políticas odiadas de comunismo de guerra e reinstaurar o livre comércio para conter a revolta popular e fazer com que os camponeses voltassem a fornecer comida para as cidades. Tendo derrotado os exércitos brancos, os bolcheviques renderam-se aos camponeses.<sup>8</sup>

A Nova Política Econômica (NEP, na sigla em inglês), introduzida por Lenin no Décimo Congresso do Partido em março de 1921, substituiu as requisições de comida por um imposto relativamente leniente pago em espécie e legalizou o retorno do comércio privado e

da manufatura em pequena escala, priorizando a agricultura e a produção de bens de consumo em vez do desenvolvimento industrial de grande porte. Aos olhos de Lenin, a NEP era uma concessão temporária mas necessária aos pequenos proprietários camponeses — combinada com os princípios da produção privada familiar — para salvar a Revolução e reerguer o país. A restauração do mercado ressuscitou a economia soviética. O comércio privado respondeu rapidamente às faltas crônicas de produtos que haviam se acumulado ao longo dos anos da Revolução e da Guerra Civil. Em 1921, a população soviética usava sapatos e roupas remendados, cozinhava com utensílios quebrados e bebia em copos rachados. Todos precisavam de alguma coisa nova. Comerciantes montaram barracas e estandes, houve uma explosão de mercados de pulgas, e comerciantes camponeses trouxeram alimentos para as cidades. Licenciados por novas leis, cafés privados, lojas, restaurantes, casas noturnas, bordéis, hospitais, clínicas, associações econômicas e de crédito e até pequenos produtores brotaram como cogumelos depois da chuva. Repentinamente, Moscou e Petrogrado, cidades-cemitérios durante a Guerra Civil, explodiram com vida, com comerciantes barulhentos, táxis ocupados e lojas brilhantes iluminando as ruas como antes de 1917.

Para muitos bolcheviques, o retorno do mercado parecia uma traição à Revolução. A introdução da NEP foi recebida com suspeições profundas pelas fileiras do Partido (até o “favorito” de Lenin, Nikolai Bukharin, que se tornou o maior defensor da NEP, só começou a apreciá-la lentamente, entre 1921 e 1923), e Lenin precisara utilizar todos os seus poderes de persuasão e de autoridade para forçar a aprovação do projeto no Congresso. Entre os trabalhadores urbanos, em particular, havia um sentimento disseminado de que a NEP estava sacrificando os interesses da classe em prol dos camponeses, que enriqueciam à custa deles por causa dos preços mais altos dos alimentos. Para eles, parecia que um grande crescimento do comércio privado levaria, inevitavelmente, a uma

diferença maior entre os ricos e os pobres e à reinstauração do capitalismo. Eles chamaram a NEP de “Nova Exploração do Proletariado”. Boa parte da ira dos trabalhadores era concentrada nos “homem NEP”, comerciantes privados que prosperaram na década de 1920. Na imaginação popular, formada pela propaganda e por desenhos animados soviéticos, os “homens NEP” vestiam mulheres e amantes com diamantes e casacos de peles, dirigiam carros importados enormes, roncavam na ópera, cantavam em restaurantes e vangloriavam-se aos brados em bares caros de hotéis das fortunas em dólar que haviam desperdiçado nas novas pistas de corridas de cavalos e nos cassinos. A gastança lendária dessa nova classe rica, colocada contra o pano de fundo de desemprego em massa e de pobreza urbana da década de 1920, despertou um sentimento amargo de ressentimento entre aqueles que pensavam que a Revolução deveria acabar com as desigualdades.

No “*front* interno”, a NEP mantinha uma herança dos vestígios da “cultura burguesa” que o comunismo prometera eliminar, mas da qual ainda não podia abrir mão. Ela interrompera a guerra contra a antiga classe média e a *intelligentsia* profissional, de cujo conhecimento a economia soviética precisava. Entre 1924 e 1928, também houve um relaxamento temporário na guerra contra a religião: as igrejas deixaram de ser fechadas e os membros do clero não eram mais perseguidos no mesmo ritmo de antes (nem no que seriam depois). Apesar de a intensidade da propaganda de guerra contra a Igreja não ter diminuído, o povo voltou a ter permissão de praticar a própria fé. Finalmente, a NEP permitiu que os antigos hábitos domésticos e tradições familiares da vida privada respirassem um pouco, o que era uma fonte de preocupações reais para muitos bolcheviques, que temiam que os costumes e mentalidades da “pequena burguesia” — os milhões de comerciantes e pequenos produtores cujos números haviam sido inflados pela NEP — detivessem e até prejudicassem a campanha revolucionária. “Aprisionando as mentes de milhões de trabalhadores”, declarou

Stalin em 1924, “as atitudes e os hábitos que herdamos da antiga sociedade são os inimigos mais perigosos do socialismo.”<sup>9</sup>

Os bolcheviques vislumbraram a criação da própria utopia comunista como uma batalha constante contra costumes e hábitos. Com o fim da Guerra Civil, prepararam-se para uma nova e mais longa batalha no “*front* interno”: uma guerra revolucionária pela liberação da personalidade comunista por meio da erradicação do comportamento individualista (“burguês”) e de hábitos fora dos padrões (prostituição, alcoolismo, vandalismo e religião) herdados da antiga sociedade. Poucos bolcheviques discordavam de que a batalha para transformar a natureza humana levaria décadas. A única discordância girava em torno de quando a batalha deveria começar. Marx ensinara que a alteração da consciência dependia de mudanças na base material, e Lenin, quando introduziu a NEP, afirmou que até que fossem criadas as condições materiais para a existência de uma sociedade comunista — processo que levaria um período histórico inteiro — não haveria sentido em tentar projetar um sistema de moralidade comunista na vida privada. Mas a maioria dos bolcheviques não aceitava que a NEP exigisse um afastamento da esfera privada. Eles estavam cada vez mais inclinados a pensar o contrário, ou seja, que o envolvimento ativo era essencial em todos os momentos e em todos os campos de batalha da vida cotidiana — na família, no lar e no mundo interior do indivíduo, onde a persistência de mentalidades antigas era uma ameaça de grande importância aos objetivos ideológicos básicos do Partido. E quando viram os instintos individualistas das massas “pequeno-burguesas” ficarem cada vez mais fortes na cultura da NEP, redobram os esforços. Como Anatoly Lunacharsky escreveu em 1927: “A dita esfera da vida privada não pode nos escapar, porque é precisamente nela que o objetivo final da Revolução deve ser alcançado.”<sup>10</sup>

A família foi a primeira arena na qual os bolcheviques começaram a luta. Na década de 1920, eles consideravam a nocividade social da “família burguesa” uma verdade inquestionável: ela olhava para

dentro de si própria e era conservadora, uma fortaleza da religião, da superstição, da ignorância e do preconceito; ela fomentava o egotismo e as aquisições materiais, além de oprimir mulheres e crianças. Os bolcheviques esperavam que a família desaparecesse conforme a Rússia soviética se desenvolvesse até se transformar em um sistema totalmente socialista, no qual o Estado assumiria a responsabilidade por todas as funções básicas do lar, oferecendo creches, lavanderias e refeitórios em centros públicos e em prédios residenciais. Liberadas do trabalho em casa, as mulheres ficariam livres para ingressar na força de trabalho em um nível igual ao dos homens. O casamento patriarcal, com suas correspondentes morais sexuais, morreria — para ser substituído, acreditavam os radicais, por “uniões livres de amor”.

Como viam os bolcheviques, as famílias eram o maior obstáculo à socialização das crianças. “Por amar a criança, a família a torna um ser egotista, encorajando-a a ver-se como o centro do universo”, escreveu a pensadora educacional soviética Zlata Lilina.<sup>11</sup> Teóricos bolcheviques concordavam com a necessidade de substituir esse “amor egotista” pelo “amor racional” de uma “família social” mais ampla. *O ABC do comunismo* (1919) vislumbrava uma sociedade futura na qual os pais deixariam de utilizar a palavra “eu” em referência a um filho, pois se importariam com todas as crianças na comunidade. Entre os bolcheviques, havia visões diferentes acerca de quanto tempo tal mudança deveria levar para ocorrer. Os radicais argumentavam que o Partido deveria agir diretamente para minar a família de modo imediato, mas a maioria aceitava os argumentos de Bukharin e dos teóricos da NEP, que diziam que em um país camponês como a Rússia a família permaneceria durante algum tempo como a principal unidade de produção e de consumo e enfraqueceria gradualmente conforme o país fizesse a transição para uma sociedade socialista urbana.

Enquanto isso, os bolcheviques adotaram diversas estratégias — como a transformação do espaço doméstico — cujas intenções eram acelerar a desintegração da família. Para lidar com a falta de casas nas

idades superpopulosas, os bolcheviques forçaram famílias ricas a dividirem seus apartamentos com os pobres urbanos — política conhecida como “condensação” (*uplotnenie*). Durante a década de 1920, o tipo mais comum de apartamento comunal (*kommunalka*) era aquele em que os proprietários originais ocupavam os cômodos principais na “parte da frente”, enquanto os quartos dos fundos eram ocupados por outras famílias. Naquela época, os proprietários antigos podiam selecionar os comoradores, desde que estivessem de acordo com a “norma sanitária” (o racionamento *per capita* de espaço para viver, que caíra de 13,5 metros quadrados em 1926 para apenas 9 metros quadrados em 1931). Muitas famílias traziam os empregados ou conhecidos para dentro de casa para evitar a chegada de um estranho transferido para ocupar o espaço excedente. A política tinha um apelo ideológico forte não somente como uma guerra contra o privilégio, como foi apresentada na propaganda do novo regime (“Guerra contra os palácios!”), mas também como parte de uma cruzada para projetar um modo de vida mais coletivo. Forçando as pessoas a compartilhar apartamentos comunais, os bolcheviques acreditavam que poderiam transformá-las em comunistas em seus pensamentos e comportamentos básicos. O espaço e a propriedade privada desapareceriam, a família individual (“burguesa”) seria substituída pela fraternidade e por organizações comunistas, e a vida do indivíduo passaria a ser imersa na comunidade. A partir da metade da década de 1920, novos tipos de moradias foram projetados com essa transformação em mente. Os arquitetos soviéticos mais radicais, como os construtivistas da União de Arquitetos Contemporâneos, propuseram a obliteração completa da esfera privada construindo “casas comunais” (*doma kommuny*), nas quais toda a propriedade, incluindo roupas e roupas íntimas, seria compartilhada pelos moradores, onde tarefas domésticas como cozinhar e cuidar das crianças seriam designadas rotativamente a grupos e onde todos dormiriam em um grande dormitório, dividido por gênero, com quartos particulares para práticas sexuais. Poucas casas como essas

foram construídas, apesar de terem ocupado uma grande parte da imaginação utópica e de romances futuristas, como *Nós* (1920), de Yevgeny Zamiatin. Muitos dos projetos que se concretizaram, como a casa do Narkomfin (Ministério das Finanças) em Moscou (1930), projetada pelo construtivista Moisei Ginzburg, tendiam a ser interrompidos antes de alcançarem a forma comunal total e contavam tanto com espaços privados de habitação quanto com blocos comunalizados para lavanderias, casas de banho, salas de jantar e cozinhas, creches e escolas. Mas o objetivo continuava a ser dominar a arquitetura de modo a induzir o indivíduo a afastar-se das formas privadas (“burguesas”) de domesticidade, dirigindo-se a um modo de vida mais coletivo.<sup>12</sup>

Os bolcheviques também interferiram mais diretamente na vida doméstica. O novo Código do Casamento e da Família (1918) estabeleceu uma estrutura legislativa que visava claramente facilitar a ruptura da família tradicional, removendo a influência da Igreja sobre o casamento e o divórcio, tornando-os simples processos de registro com o Estado, e assegurando direitos legais iguais aos casamentos *de facto* (casais vivendo juntos) e aos casamentos legais. O Código transformou o divórcio de um luxo dos ricos em algo fácil e disponível para todos. O resultado foi um enorme aumento de casamentos casuais e o maior índice de divórcios do mundo — três vezes mais alto que na França ou na Alemanha e 26 vezes mais alto que na Inglaterra em 1926 — à medida que o colapso da ordem cristã-patriarcal e o caos dos anos revolucionários afrouxaram a moral sexual e os laços familiares e comunais.<sup>13</sup>

Nos primeiros anos do poder soviético, a ruptura familiar era tão comum entre os ativistas revolucionários que quase constituía um risco do trabalho. Relações casuais eram praticamente a norma nos círculos bolcheviques durante a Guerra Civil, quando qualquer camarada podia ser enviado de uma hora para a outra para algum setor distante do *front*. Essas atitudes relaxadas permaneceram comuns durante a década de 1920, uma vez que os ativistas do Partido



e seus jovens emuladores na Komsomol (Liga Jovem Comunista) eram ensinados a colocar o comprometimento com o proletariado acima do amor romântico ou da família. A promiscuidade sexual era mais acentuada nos escalões jovens do que entre a juventude soviética de modo geral. Muitos bolcheviques viam a licença sexual como uma forma de libertação de convenções morais burguesas e um sinal da “modernidade soviética”. Alguns até defendiam a promiscuidade como um modo de reagir à formação de relações bígamas que separavam os amantes do coletivo e os afastavam da lealdade ao Partido.<sup>14</sup>

Era comum que os bolcheviques fossem maus pais e maridos porque as exigências do Partido os afastavam de casa. “Nós, comunistas, não conhecemos nossas próprias famílias”, observou um bolchevique de Moscou. “Você sai cedo e chega tarde em casa. Você vê a esposa raramente e quase nunca vê os filhos.” Em congressos do Partido, nos quais a questão foi discutida no decorrer da década de 1920, reconhecia-se que os maridos bolcheviques eram muito mais inclinados do que os não membros a abandonar mulheres e famílias, algo muito ligado à primazia das lealdades partidárias em relação à fidelidade sexual. Mas, na verdade, o problema de esposas e mulheres ausentes era quase igualmente grave nos círculos do Partido, ocorrendo também nos círculos mais abrangentes da *intelligentsia* soviética, nos quais a maioria das mulheres estava envolvida na esfera pública.<sup>15</sup>

Trotsky concordava que os bolcheviques eram mais afetados do que os outros pela ruína da estrutura doméstica por serem os que estavam “mais expostos às influências de condições novas”. Como pioneiro de um estilo de vida moderno, em 1923, Trotsky escreveu que, “a vanguarda comunista simplesmente passa com mais rapidez e violência pelo inevitável” do que a população como um todo.<sup>16</sup> Em muitas residências do Partido, certamente havia uma sensação de estarem sendo pioneiros em um novo tipo de família — uma família que liberava os dois pais para atividades públicas — se bem que à

custa do envolvimento íntimo com os filhos.

Anna Karpitskaia e o marido, Pyotr Nizovtsev, eram ativistas do alto escalão do Partido em Leningrado (como Petrogrado passou a ser chamada depois da morte de Lenin). Viviam em um apartamento privado próximo ao Instituto Smolny com os três filhos, incluindo Marksena,<sup>5</sup> nascida em 1923, filha do primeiro casamento de Anna. Marksena raramente via os pais, que de manhã saíam para o trabalho antes que acordasse e voltavam muito tarde à noite. “Eu sentia falta da atenção materna”, lembra Marksena, “e sempre tinha ciúmes de crianças cujas mães não trabalhavam.” Na ausência dos pais, as crianças foram colocadas sob os cuidados de duas serviçais, uma faxineira e uma cozinheira, ambas camponesas recém-chegadas do interior. No entanto, sendo a criança mais velha, aos 4 anos, até onde se lembra, Marksena tinha “autoridade e responsabilidade total pela casa”. A cozinheira perguntava a ela o que cozinhar e pedia-lhe dinheiro para comprar comida de uma loja especial reservada aos oficiais do Partido. Marksena denunciava as empregadas à mãe quando quebravam as regras da casa “ou quando faziam algo de que eu não achasse certo”, mas, com mais frequência, lembra, “eu chamava a atenção delas quando faziam algo de que eu não gostava”. Marksena sentia a responsabilidade — ela compreendia que era apropriado para sua mãe deixá-la a cargo da casa — e a aceitava com naturalidade: “Minha mãe deixava claro que o que acontecia em casa não lhe dizia respeito, e nunca questionei isso.”

Criada para refletir os valores da nova sociedade, Marksena era uma criança de 1917. Era vista pelos pais como uma “pequena camarada”. Não tinha brinquedos e nem um espaço próprio onde pudesse brincar livremente como uma criança. “Meus pais tratavam-me como uma igual e falavam comigo como com um adulto”, lembra Marksena. “Fui ensinada desde cedo a ser independente e a fazer tudo por conta própria.” Em sua primeira manhã na escola primária, quando tinha apenas 7 anos, a mãe caminhou com ela até a escola e disse-lhe que memorizasse o caminho — uma viagem complexa de

quase três quilômetros — para que pudesse caminhar para casa sozinha naquela tarde. “A partir daquele dia, sempre caminhei para a escola”, lembra Marksena. “Nunca me passou pela cabeça que alguém devesse caminhar comigo.” Marksena comprava os próprios livros e materiais em uma loja no centro da cidade, a uma hora a pé. A partir dos 8 anos, ia ao teatro sozinha, usando o passe de oficiais do Partido dos pais, o qual lhe permitia sentar em um dos camarotes ao lado dos corredores. “Ninguém jamais me disse o que fazer”, lembra Marksena. “Eduquei-me sozinha.”

Os pais eram figuras distantes na vida de Marksena. Mesmo durante as férias, viajavam por conta própria para um dos *resorts* para oficiais do Partido na Crimeia, deixando as crianças em Leningrado. Mas os pais impunham sua rigidez ideológica, o que Marksena lembra como uma fonte de irritação. A mãe costumava repreendê-la por ler Pushkin e Tolstói em vez dos livros didáticos para crianças preferidos pelo Partido, como a aventura científica *Terra de Sannikov* (1926), de Vladimir Obruchev, ou *A República de Shkid* (1927), de Grigorii Belykh e Aleksei Panteleyev, uma história sobre órfãos desabrigados enviados para a escola em Leningrado, ambos trazidos para casa por Anna e devidamente lidos por Marksena, sendo depois guardados e esquecidos em uma prateleira. Marksena era proibida pela mãe de convidar amigos da escola para casa porque, dizia, era melhor que não vissem com que conforto viviam os líderes do Partido — se bem que modestamente e em estilo espartano — em comparação com as próprias famílias. Ela raramente era elogiada ou parabenizada pelos pais e quase nunca era beijada ou abraçada. A única fonte de afeto era a avó, que cuidava dela quando adoecia. “Eu gostava de ir para a casa dela”, lembra Marksena. “Ela me dava muita atenção. Ensinou-me a costurar e a fazer colares de contas. Ela tinha brinquedos e até comprou uma pequena cozinha de madeira para mim, a qual montou no canto de seu quarto, onde eu gostava de brincar.”<sup>17</sup>

A ausência de afeição paternal foi descrita por muitas crianças nascidas em famílias do Partido depois de 1917. A esse respeito, os

costumes de criação de crianças da elite soviética não eram diferentes daqueles da aristocracia russa do século XIX, que demonstrava pouco interesse na maternidade e deixava as crianças, desde os primeiros dias, aos cuidados de babás, empregadas e outros serviçais da casa.<sup>18</sup>

Angelina Yevseyeva nasceu em 1922 em uma família de bolcheviques. Os pais se conheceram quando lutavam pelo Exército Vermelho na Guerra Civil. Regressando a Petrogrado em 1920, o pai tornou-se comandante de uma das divisões envolvidas na repressão do motim de Kronstadt. Em 1925, alistou-se na Academia Médico-Militar, onde passava as noites estudando. A mãe de Angelina era oficial no comissariado de comércio e também estudava à noite. Angelina recorda-se de uma infância passada principalmente sob os cuidados de uma governanta:

Minha mãe me amava, era paciente e atenciosa, mas não afetuosa; nunca satisfiz meus desejos nem brincava comigo quando eu era criança. Ela esperava que me comportasse como um adulto e tratava-me como tal... Meu pai era completamente perturbado pelo trabalho. Eu sentia que o atrapalhava. Eu devo ter atrapalhado meus pais. Eu não gostava de estar em casa. Cresci no pátio e na rua e era uma criança malcriada. Certa vez, quando tinha 8 anos, meu pai comprou um aquário em uma viagem de trabalho a Moscou. Como não me deixava sair para brincar, virei o aquário e deixei que todos os peixes caíssem no chão. Ele bateu em mim com uma mangueira, e eu gritava de volta: “Você não é um pai, você é uma madrasta, uma madrasta!”<sup>19</sup>

Maria Budkevitch nasceu em Moscou em 1923 na família de um funcionário do Partido na Enciclopédia Militar, a principal editora das forças armadas soviéticas. O pai de Maria vivia em um apartamento separado da mãe, pesquisadora da história do Partido na Guerra Civil, pois ele achava mais conveniente para o trabalho viver sozinho. Maria via o pai tão pouco que, aos 5 ou 6 anos, começou a duvidar de que tivesse um pai. “Eu não entendia o que era um pai”, lembra. “Eu sabia que outras garotas tinham alguém que chamavam de ‘papai’, mas eu quase nunca via meu pai. Ele aparecia repentinamente de uma viagem

ao exterior. Havia muita festa, com presentes para todos, e depois ele desaparecia de novo.”<sup>20</sup>

Os pais de Elena Bonner eram ativistas do Partido em Leningrado. Trabalhavam desde de manhã cedo até tarde da noite e raramente viam os filhos, que ficavam aos cuidados da avó. Elena ansiava pelo afeto da mãe. Ela “se fazia de chorona”, fingia frequentemente estar doente para forçar a mãe a ficar em casa e tinha inveja de outras crianças cujas mães não trabalhavam e, comparativamente, pareciam “sempre muito bem-humoradas”. Mesmo quando os pais estavam em casa, ficavam tão preocupados com seu trabalho no Partido que mal davam atenção aos filhos. Quando tinha 9 ou 10 anos, lembra Elena, “meus pais passavam as noites escrevendo panfletos, que diziam ser sobre ‘questões da construção do Partido’. Durante muito tempo, pensei que o Partido construísse casas”.<sup>21</sup>

Os Bonner viviam em um albergue especial para trabalhadores do Partido no antigo Hotel Astoria, em Leningrado. Tudo nos quartos parcamente mobiliados era voltado para o trabalho. Até a década de 1930, quando Stalin começou a recompensar os oficiais leais com apartamentos luxuosos e bens de consumo, a maioria dos membros do Partido vivia de modo similarmente minimalista. Mesmo os oficiais superiores viviam de modo bastante modesto. A família de Nikolai Semashko, comissário de saúde entre 1923 e 1930, ocupava um apartamento pequeno e pouco mobiliado na casa Narkomfin, em Moscou. “Eles nunca se interessaram por qualquer tipo de byt [conforto burguês] ou por decoração”, lembra-se um dos vizinhos.<sup>22</sup>

Os idealistas bolcheviques da década de 1920 criaram um culto ao seu estilo de vida espartano. Eles herdaram um forte elemento de asceticismo do submundo revolucionário, fonte de seus valores e princípios nos primeiros anos do regime soviético. A rejeição de posses materiais era central à cultura e à ideologia da intelligentsia russa socialista, que lutava para eliminar todos os sinais de domesticidade “pequeno-burguesa” — a porcelana chinesa ornamental na lareira, os canários cantantes, todas as plantas, as

mobílias macias, os retratos de família e outros objetos banais do ambiente doméstico — e dirigir-se rumo a uma existência mais espiritual e elevada. A batalha contra o “*byt* filistino” estava no coração do impulso revolucionário de estabelecer um modo de vida mais comunista. Como escreveu o poeta Maiakovski em 1921:

Do muro, Marx observa e observa  
E de repente,  
Abrindo a boca,  
Começa a gritar:  
A Revolução está emaranhada em fios filistinos  
Mais terrível do que Wrangel<sup>6</sup> é o *byt* filistino  
Melhor  
Arrancar a cabeça dos canários —  
Então o comunismo  
Não será derrubado por canários.<sup>23</sup>

Na estética bolchevique, era filistino dedicar atenção à decoração doméstica. O “espaço de moradia” ideal (como os oficiais soviéticos chamavam as casas) era minimamente decorado e mobiliado. Ele era puramente funcional, com mobília adequada ao espaço disponível, como divãs que também serviam de camas. Na imaginação bolchevique, esse modo simples de viver era uma forma de libertação da sociedade burguesa na qual o povo era escravizado pelo culto às posses. Em *Cimento* (1925), influente romance de Fiodor Gladkov, um homem e uma mulher, ambos ativistas do Partido, sacrificam a felicidade pessoal e deixam o lar e a filha para ajudar a reconstruir uma fábrica de cimento destruída na Guerra Civil. Quando o marido, Gleb, começa a sentir falta dos antigos confortos domésticos, ele logo é lembrado pela mulher de um propósito maior: “Você quer flores bonitas desabrochando na janela e uma cama coberta da travesseiros? Não, Gleb, no inverno eu vivo em um quarto sem aquecimento e como na cozinha comunal. Como pode ver, sou uma cidadã soviética livre.”<sup>24</sup>

Entre os bolcheviques, havia uma atitude similarmente austera em relação à aparência pessoal — roupas da moda, penteados elaborados, joias, perfumes e cosméticos eram todos consignados ao reino do *byt* vulgar. O “povo novo” da vanguarda do Partido vestia roupas lisas e simples — em vestimentas pseudoproletárias ou quase militares — sem nenhum adorno. Durante o período da NEP, quando os líderes bolcheviques temiam que as fileiras do Partido fossem corrompidas pelos confortos e tentações da cultura “burguesa” que repentinamente se tornaram disponíveis, tais atitudes espartanas eram promovidas como um símbolo de pureza ideológica. Em 1922, Aron Solts, principal porta-voz do Partido em ética comunista, avisou que a NEP poderia seduzir os membros convencendo-os de que “existe algum tipo de vida pessoal na qual são completamente livres para seguir os próprios gostos e até mesmo para imitar o que a burguesia considera elegante”. Solts convocou os bolcheviques a expurgar de si mesmos o instinto burguês por meio de uma mudança em suas atitudes estéticas. Era “feio alguém ter anéis, braceletes ou dentes de ouro”, e ele considerava que tal comportamento “deveria despertar indignação estética” nas fileiras do Partido.<sup>25</sup>

Valentina Tikhanova nasceu em Moscou em 1922. Ela cresceu na casa do líder bolchevique Vladimir Antonov-Ovseyenko, que comandara a tomada do Palácio de Inverno em outubro de 1917. A mãe conhecera o famoso bolchevique em Praga, onde Vladimir era o embaixador soviético, e abandonara o pai de Valentina, um editor, para casar-se com ele em 1927. Valentina lembra-se de que o pequeno apartamento no qual a família vivera em Moscou na década de 1920 era “mobiliado com simplicidade, com os móveis mais comuns e camas de metal forjado”. A única coisa de valor era uma grande caixa de malaquita que pertencia à sua mãe. Não havia ornamentos nem decoração no apartamento, e os pais de Markina não tinham interesse por essas coisas. Mesmo quando a mãe se tornou mulher de um embaixador, não passou a usar joias. O asceticismo também predominava na casa de Antonov-Ovseyenko. Seu apartamento na

segunda casa de Sovnarkom, um grande bloco de apartamentos para oficiais seniores do Partido em Moscou, consistia em quatro cômodos pequenos. No quarto de Valentina, mais parecido com uma cela, a única mobília era uma cama dobrável, uma escrivaninha e uma pequena estante de livros. Recordando-se da atmosfera austera, Valentina a descreve como um elemento consciente dos princípios de *intelligentsia* da família (*intelligentnost*) e da ideologia soviética. “Éramos do povo soviético (*sovki*)”, reflete. “Vivíamos por acreditarmos na felicidade futura de nossa sociedade, não pela satisfação de nossas próprias necessidades. Havia uma pureza moral em nosso estilo de vida.”<sup>26</sup>

Liudmila Eliashova cresceu em uma família de um bolchevique da Letônia. Seu pai, Leonid, fugira de Riga na adolescência e juntara-se aos bolcheviques em Petrogrado, em 1917. Ele sentia vergonha e ressentimento em relação aos pais judeus e ricos, que eram rigorosos e cruéis, e parte de sua atração pelo movimento dos trabalhadores era o modo de vida espartano, o qual, como reconheceu em uma carta para a esposa em 1920, abraçou como uma “renúncia à minha classe burguesa”. Segundo sua filha Liudmila, Leonid atribuía significado pessoal às palavras do *Internationale* “Renunciamos ao antigo mundo / Tiramos sua poeira de nossos pés!” “Ele precisava renunciar não apenas à classe”, diz Liudmila, “mas também à família e ao estilo de vida com o qual se acostumara, com apartamentos e dachas confortáveis, boa cozinha, roupas da moda, partidas de tênis e muito mais.” Ele ensinou as filhas, Liudmila (nascida em 1921) e Marksena (em 1923), a sentirem vergonha de qualquer riqueza ou conforto que as colocasse acima da classe trabalhadora. Ele dizia que deveriam sentir culpa ao desfrutar um bom café da manhã, quando havia crianças mais pobres que tinham menos comida. Nas refeições, ele dizia: “É vergonhoso que estejamos comendo peixe ou salsicha quando todos os outros comem pão e ovos. O que nos torna melhores do que os outros?” Ele acreditava fortemente no “Máximo do Partido” — um sistema de estabelecer um limite máximo aos salários dos



membros do Partido da década de 1920 — e criou a família dentro de seus limites. As crianças não podiam comprar sapatos novos até que os antigos estivessem literalmente caindo aos pedaços e só podiam comer doces nos principais feriados soviéticos. “Vivíamos muito modestamente”, lembra Liudmila.

Nossa mobília era barata — toda comprada do governo. As refeições eram simples, assim como nossas roupas. Nunca vi meu pai vestindo nada além do uniforme militar, um casaco e as botas. Mamãe tinha sua “roupa especial” para o teatro e mais um ou dois vestidos, mas isso era tudo... Idas ao teatro eram nosso único luxo — isso e muitos livros.

Como muitas crianças de 1917, Liudmila e a irmã foram criadas para acreditar que a abnegação era sinônimo de pureza moral e da luta revolucionária para a felicidade futura de todos. Em 1936, escreveu na capa de seu diário: “O sofrimento destrói os insignificantes e fortalece os fortes.”<sup>27</sup>

Para algumas famílias, o asceticismo do ativista do Partido exigia esforço demais. Os Voitinsky são um exemplo. Iosif Voitinsky nasceu em São Petersburgo em 1884 em uma família liberal de judeus que havia se tornado russa. O pai era professor de matemática, o irmão Nikolai era engenheiro, e Iosif, assim como o irmão mais velho, Vladimir, formara-se na faculdade de direito da Universidade de São Petersburgo. A família foi dividida pela Revolução de Outubro. Os pais de Iosif fugiram para a Finlândia. Vladimir, ex-menchevique e uma das figuras à frente do governo provisório de 1917, emigrou para Berlim, onde se tornou um crítico fervoroso dos bolcheviques. Iosif e a irmã, Nadejda, foram os únicos membros da família que permaneceram em Petrogrado. Como Vladimir, Iosif era um ex-menchevique, mas esperava ter sucesso se juntando aos bolcheviques e lutando na Guerra Civil. Para provar a própria lealdade, até escreveu para o irmão, em Berlim — sem dúvida, esperando que a carta fosse lida por seus superiores —, implorando-lhe que “reavalie seus princípios políticos e retorne à Rússia soviética para nosso trabalho comum”. Aterrorizado com a possibilidade de ser punido pela

atividade contrarrevolucionária, Iosif entregou-se inteiramente à causa do Partido. “Por causa de meus pecados em uma vida anterior, fizeram de mim apenas um membro em período de experiência”, escreveu para Nikolai, “mas estou assumindo muitos deveres no Partido e, como bom comunista, estou sempre pronto para ser enviado ao inferno.”<sup>28</sup>

Na verdade, Iosif foi enviado para Yekaterinoslav, onde trabalhou no departamento da organização local de comércio. Ele morava com a esposa, Aleksandra, em um porão úmido e parcamente mobiliado. “Não podemos encontrar nada melhor”, escreveu Aleksandra para Nadejda em 1922. “Tudo é muito caro e somente os homens-NEP podem pagar os aluguéis. E quanto à nossa vida doméstica, carecemos das coisas mais básicas — roupa de cama, roupas, agulhas, linha. Em uma palavra, carecemos de tudo.” Iosif estava preocupado demais para lidar com tais “detalhes domésticos”. Ele era “pouco prático e desorganizado em tudo, exceto no trabalho”, disse a esposa. O casal não tinha dinheiro porque o “Máximo do Partido” os deixava com uma pequena quantia, da qual boa parte era enviada para a mãe de Iosif na Finlândia. Aleksandra fazia o possível para ajudar na renda do casal realizando trabalhos casuais, mas lamentava ter que trabalhar e culpava o Partido por arruinar seus “sonhos de ter uma família”. Em 1922, Aleksandra fez um aborto. Como explicou em uma carta para Nadejda, ela queria ter o bebê, mas interrompera a gravidez porque estava “desgastada pela saúde ruim” e não queria “aumentar o fardo sobre Iosif” em um período em que estava “sobrecarregado pelo trabalho no Partido”. O casamento estava em crise. Havia discussões frequentes sobre dinheiro. Iosif estava tendo um caso com outra mulher, que teve um filho em 1924, e também os ajudava financeiramente. O relacionamento com Aleksandra chegou ao ponto de ruptura. Iosif costumava viajar a serviço do Partido, ou para Moscou, onde dava um curso sobre leis trabalhistas, ou para Kuban, onde trabalhava para as uniões de comércio. “Raramente vejo meu Iosif”, escreveu Aleksandra para Nadejda em 1925. “Sinto amargura

por ter terminado dessa forma, mas nossa vida hoje em dia é assim. Não há espaço para a vida privada e precisamos enterrar o romance como uma relíquia do passado.”<sup>29</sup>

## 2

Os bolcheviques viam a educação como a chave para a criação de uma nova sociedade. Por intermédio das escolas e das ligas comunistas para crianças e jovens (os Pioneiros e a Komsomol), visavam doutrinar a geração seguinte no novo estilo de vida coletivo. Como declarou um dos teóricos do ensino soviético em 1918:

Precisamos transformar os jovens em uma geração de comunistas. Crianças, como cera macia, são muito maleáveis e devem ser moldadas como bons comunistas... Precisamos resgatar as crianças da influência prejudicial da família... Precisamos nacionalizá-las. Desde os primeiros dias de suas pequenas vidas, elas precisam se encontrar sob a influência benéfica das escolas comunistas... Obrigar a mãe a dar o filho ao Estado soviético — esse é o nosso dever.<sup>30</sup>

A missão principal da escola soviética era retirar as crianças das famílias “pequeno-burguesas”, nas quais a mentalidade antiga da vida privada minava o cultivo de instintos sociais, e inserir nelas os valores públicos de uma sociedade comunista. “O jovem deve ser ensinado a pensar em termos de ‘nós’”, escreveu Anatoli Lunatcharsky, comissário de educação, em 1918, “e todos os interesses privados devem ser deixados para trás.”<sup>31</sup>

A disseminação dos valores comunistas era o princípio que guiava o currículo escolar soviético. Nesse aspecto, como reconheciam os pensadores educacionais soviéticos, o papel do marxismo nas escolas soviéticas era parecido com o papel da religião nas escolas tsaristas. Nas escolas mais experimentais, havia uma forte ênfase no aprendizado por meio de atividades práticas no lugar da teoria. Mesmo nas Escolas Unidas de Trabalho, que deveriam fornecer uma

estrutura nacional para todos os estudantes soviéticos do nível primário à universidade, o programa geralmente era organizado em torno de uma série de oficinas (em vez de em salas de aula) nas quais as crianças aprendiam habilidades técnicas e profissionais, além de uma introdução aos temas acadêmicos principais, especialmente ciências e economia.<sup>32</sup>

A doutrinação política era voltada para a produção de ativistas. A imagem disseminada da criança ideal era a de um orador político precoce vociferando propaganda agitadora. O comunismo não podia ser ensinado a partir de livros, defendiam os pensadores educacionais. Ele precisava ser instilado durante toda a vida escolar, a qual, por sua vez, devia estar ligada ao mundo mais amplo da política por meio de atividades extracurriculares, como celebrações de feriados soviéticos, participações em marchas públicas, leitura de jornais e organização de debates e de julgamentos escolares. A ideia era iniciar as crianças nas práticas, nos cultos e nos rituais do sistema soviético para que crescessem tornando-se comunistas ativos e leais.

As crianças eram doutrinadas no culto do “Tio Lenin” desde cedo. Em jardins de infância, eram chamadas de “crianças de outubro” (*oktiabriata*) a partir do momento em que conseguiam apontar para o retrato do líder soviético. Depois da morte de Lenin, quando se temia que uma geração de crianças crescesse sem saber quem ele tinha sido, as escolas foram instruídas a criarem “cantos de Lenin”, altares políticos para a exposição de propaganda sobre o fundador quase deificado do Estado soviético. Histórias lendárias sobre Lenin e outros heróis da Revolução eram um meio importante de educação política. A maioria das crianças não compreendia a ideologia do Estado soviético, vendo a Revolução como uma simples luta entre o “bem” e o “mal”, mas podia se identificar com os feitos heroicos dos revolucionários.

Escolas progressistas eram organizadas como versões em miniatura do Estado soviético: planos de trabalho e de conquistas eram exibidos nas paredes em gráficos e tabelas, as turmas eram organizadas como

regimentos e a administração diária da escola era regulada por uma estrutura burocrática de conselhos e comitês, incutindo nas crianças o mundo adulto da política soviética. Havia escolas nas quais as crianças eram estimuladas a organizar a própria polícia, a escrever delações contra alunos que desrespeitavam as regras da escola e até mesmo a realizar julgamentos em aula. Para instilar um caráter distinto de obediência coletiva, algumas escolas introduziram um sistema de treinamento politizado, com marchas, canções e juramentos de fidelidade à liderança soviética. “As turmas marchavam em feriados públicos”, lembra Ida Slavina dos tempos de escola em Leningrado. “Tínhamos orgulho de marchar como representantes de nossa escola. Quando passávamos por um prédio com pessoas olhando nas janelas, andávamos mais devagar e cantávamos em uníssono: ‘Vocês que ficam em casa olhando pelas janelas — que vergonha!’”<sup>33</sup>

Aleksei Radchenko nasceu em 1910 em uma família de revolucionários famosos. Seu tio Stepan era veterano do submundo do movimento marxista desde os dias pré-Lenin, enquanto seu pai, Ivan, era membro fundador do Partido Bolchevique, encarregado de desenvolver a indústria de turfa soviética (vista como fonte vital de energia) depois de 1917. A família vivia em Shatura, uma pequena cidade a leste de Moscou, em uma casa grande e confortável próxima da casa de força que transformava turfa em eletricidade para a capital soviética. A mãe de Aleksei, Alisia, vinha de uma família pequeno-burguesa alemã-suíça de Tallinn, e havia traços da educação de classe média em seu gosto pessoal, em suas aspirações por respeitabilidade e em sua preocupação com a felicidade doméstica. Mas, ideologicamente, estava comprometida com o ideal comunista de eliminar a antiga cultura burguesa e de criar um novo tipo de ser humano. Pioneira em teorias pedagógicas soviéticas e colaboradora próxima de Krupskaja em seu trabalho educacional, Alisia via a educação escolar do filho como um laboratório para sua educação comunista. Suas teorias derivavam largamente das ideias de Pyotr Lesgaft, fundador da educação física russa — a cujas palestras Alisia

assistiu em São Petersburgo em 1903-4 —, e de Máximo Gorki, em cuja homenagem batizara o filho (o nome real de Gorki era Aleksei Peshkov). Ela ensinou outras línguas a Aleksei, fez com que estudasse piano e violino, determinava tarefas que ele devia fazer na casa e no jardim para estimular o respeito do filho pelo trabalho manual e organizava visitas a casas de pobres para desenvolver sua consciência social. Como diretora da Escola Unida de Trabalho de Shatura a partir de outubro de 1917, Alisia organizou a escola como uma comuna, combinando lições acadêmicas com trabalho agrícola para que as crianças compreendessem desde o início o que significava viver uma vida comunista.<sup>34</sup>

Aleksei foi educado para venerar o pai e outros revolucionários. Sendo um garoto debilitado, que sofria de uma doença espinhal que o dificultava caminhar, Aleksei vivia em um mundo de fantasias livrescas. Idolatrava Lenin e incorporou as palavras do pai, que o estimulava a “tornar-se como ele”. Quando soube da doença mortal de Lenin em dezembro de 1923, confessou ao seu diário: “Eu fugiria de casa e daria todo meu sangue a Lenin, se isso pudesse ajudar a salvar sua vida.” Depois da morte do líder soviético, Aleksei montou um Canto de Lenin em seu quarto, cobrindo as paredes com fotos do líder soviético e textos de discursos que sabia de cor. Alisia mantinha um histórico do desenvolvimento político de Aleksei, o qual preenchia com trechos do diário do garoto, exemplos de trabalhos escolares e desenhos, complementados por seus próprios comentários sobre a educação do filho. Como ela própria descrevera, o histórico era um “arquivo científico” que poderia servir como um “guia para a questão da educação comunista em famílias e escolas”. Alisia encorajou o filho a interagir com as outras crianças em Shatura — que vinham das famílias de vários camponeses que trabalhavam na casa de força — e tentou fazer com que sentisse que era um líder daqueles amigos menos privilegiados, organizando jogos e atividades para eles em sua grande casa. “Siga o exemplo de seu pai”, escreveu Alisia nas margens do diário do filho. “Aprenda a ser um líder para seus amiguinhos,

assim como ele é um líder da classe trabalhadora.” Estimulado pela mãe, Aleksei criou uma organização “secreta” com alguns camaradas da escola: o Escritório Central do Comitê Russo da Associação de Crianças do Mundo. Eles tinham a própria insígnia, a própria canção revolucionária (“O Início”), escrita para as crianças por Alisia, e as próprias bandeiras vermelhas feitas em casa, com as quais marchavam por Shatura nos feriados públicos.<sup>35</sup>

As crianças de 1917 eram estimuladas a brincar de revolucionários. Os pensadores educacionais soviéticos foram influenciados pelas ideias de “aprender brincando” promovidas por pedagogos europeus como Friedrich Froebel e Maria Montessori. Eles viam a brincadeira estruturada como uma experiência educacional por meio da qual as crianças assimilariam os valores soviéticos de coletividade, ativismo social e responsabilidade. Todo o propósito da escola soviética, com seus jornais nas paredes, Cantos de Lenin, conselhos e comitês, era instilar nas crianças a ideia de que também eram revolucionárias em potencial e que deveriam estar prontas se para levantarem em revolta — se necessário, contra os próprios pais — se assim fossem ordenadas pela liderança do Partido. Raisa Berg, que cresceu em uma família da *intelligentsia* de Leningrado durante a década de 1920, lembra-se da camaradaria e da prontidão para a batalha dos amigos da escola:

Os estudantes de nossa turma eram unidos por um grande espírito de amizade, confiança e solidariedade. Entre nós e nossos professores maravilhosos, os quais amávamos a todos, sem exceção, existia, contudo, uma incessante batalha, uma verdadeira luta de classe. Não havia necessidade de estratégias calculadas nem de conspirações; vivíamos segundo um código não escrito: a única coisa que importava era a lealdade aos camaradas. Não podíamos dizer nada aos pais: eles poderiam nos trair com os professores.<sup>36</sup>

Um dos jogos de quintal mais populares da década de 1920 era Vermelhos e Brancos, uma versão soviética da brincadeira de caubóis e índios na qual os eventos da Guerra Civil eram encenados pelas crianças, que geralmente usavam pistolas de ar (*pugachi*) comercializadas especialmente para o jogo. Vermelhos e Brancos

costumava terminar em brigas de verdade, porque todos os garotos queriam ser Lenin, como recorda um deles:

Brigávamos pelo direito de interpretar o papel de líder. Todos queriam ser os Vermelhos, os bolcheviques, e ninguém queria ser os Brancos, os mencheviques. Somente os adultos conseguiam resolver as brigas — sugerindo que lutássemos sem atribuir nomes e que os vencedores ficassem sendo os bolcheviques.

Outra brincadeira era Busca e Requerimento, na qual um grupo (geralmente os meninos) desempenhava o papel de um brigada de requerimento do Exército Vermelho e outro grupo (as meninas) atuava como “especuladores burgueses” ou camponeses *kulak* escondendo grãos.<sup>37</sup>

Brincadeiras como Vermelhos e Brancos e Busca e Requerimento estimulavam as crianças a aceitar a divisão soviética do mundo entre “bom” e “mau”. Estudos realizados nas escolas soviéticas na década de 1920 demonstraram que as crianças, de modo geral, ignoravam os fatos básicos da história recente (muitos alunos não sabiam o que era um tsar), mas tinham sido influenciadas pelas imagens sombrias e ameaçadoras dos apoiadores do antigo regime na propaganda, nos livros e filmes soviéticos. Tais imagens estimulavam muitas crianças a acreditar que “inimigos ocultos” ainda existiam, crença propensa a produzir medos irracionais, histeria e agressão contra qualquer sinal do antigo regime. Uma jovem estudante perguntou ao professor: “Os burgueses comem crianças?” Outra, que vira um colega de turma vestindo uma camisa antiga com uma coroa bordada no punho rígido da manga da camisa, gritou de repente na classe: “Vejam, ele apoia o tsar!”<sup>38</sup>

Muitas das crianças de 1917 tiveram a primeira experiência com política nos Pioneiros. Estabelecida em 1922, a organização Pioneiros era moldada no movimento dos escoteiros, um dos últimos corpos públicos independentes na Rússia comunista ilegalizados pelo



governo soviético em 1920. O caráter distinto dos escoteiros, que buscavam cultivar em seus jovens membros uma noção de dever público por meio de atividades práticas, continuava a prevalecer em muitas das organizações Pioneiros (como em algumas escolas da elite soviética) durante a década de 1920. Cerca de um quinto das crianças soviéticas com idade entre 10 e 14 anos estava alistado nos Pioneiros em 1925, e a proporção aumentou nos anos seguintes. Como os escoteiros, os Pioneiros tinham os próprios códigos morais e rituais. Eles tinham um juramento que todo Pioneiro precisava saber de cor (muitos ainda conseguem se lembrar dele três quartos de século depois): “Eu, um Jovem Pioneiro da União Soviética, diante de meus camaradas, juro solenemente ser verdadeiro aos princípios de Lenin, defender com firmeza a causa de nosso Partido Comunista e a causa do Comunismo.” Os Pioneiros marchavam e cantavam muito, além de fazerem muita ginástica e esportes. Eles tinham um canto responsivo (“Pioneiros, estejam preparados!” Resposta: “Sempre preparados!”) que fora pego emprestado do Exército Vermelho e eram organizados em brigadas. Tinham os próprios estandartes, bandeiras e canções, bem como um uniforme próprio (uma camisa branca com um lenço vermelho), que era fonte de muito orgulho e, aparentemente, para muitos, a principal atração dos Pioneiros. “Eu não compreendia as obrigações do movimento. Como todo mundo, eu só queria o lenço vermelho”, recorda um Pioneiro. Vera Minusova, que se juntou aos Pioneiros em Perm, em 1928, lembra: “Eu gostava do uniforme, especialmente do lenço, que eu passava a ferro todo dia e vestia na escola. Eram as únicas roupas legais e interessantes que eu tinha. Eu tinha orgulho e me sentia adulta quando as vestia.” Valerii Frid, estudante em Moscou na década de 1920, tinha tanto orgulho do lenço vermelho que dormiu com ele durante várias noites depois de ingressar nos Pioneiros.<sup>39</sup>

Por meio dos Pioneiros, as crianças soviéticas experimentavam um forte senso de inclusão social. Todas as crianças queriam ser Pioneiros, e o lenço vermelho era uma marca importante de aceitação

e igualdade social. Crianças excluídas dos Pioneiros — o que acontecia com muitas, por causa da origem social — experimentavam intensos sentimentos de vergonha e inferioridade. Maria Drozdova foi expulsa dos Pioneiros porque vinha de uma família *kulak*. O desejo de ser aceita novamente era tão intenso que ela usou o lenço vermelho escondido sob a camisa durante muitos anos. Sofia Ozemblovskaja, filha de um nobre polonês, foi banida dos Pioneiros depois de ser vista na igreja. Ela ainda se recorda emocionada da expulsão:

De repente, colocaram um anúncio — uma “notícia urgente” — no jornal de parede no corredor da escola. “Formem filas imediatamente!” As crianças vieram correndo de todas as salas de aula e formaram filas na área de recreação. Fizeram-me ficar diante de toda a brigada para ser humilhada. As crianças gritavam: “Vejam a vergonha que ela trouxe para nossa brigada por ir à igreja!” “Ela não é digna do lenço!” “Ela não tem o direito de usar o lenço.” Jogaram terra em mim, depois tentaram arrancar o meu lenço. Comecei a chorar e gritei: “Não darei o lenço para vocês! Não darei o lenço para vocês!” Caí de joelhos e implorei para que não me tirassem o lenço. Mesmo assim, pegaram-no. A partir daquele dia, eu deixei de ser uma Pioneira.<sup>40</sup>

O propósito da organização Pioneiros era doutrinar as crianças soviéticas nos valores e na disciplina comunista. Elas eram submetidas aos mesmos regimes de “planos de trabalho” e de “avaliações” usados na Komsomol e no Partido. Segundo o psicólogo e teórico educacional A. B. Zalkind, principal porta-voz do Partido sobre o condicionamento social da personalidade, o objetivo do movimento dos Pioneiros era treinar “combatentes revolucionário-comunistas totalmente libertos dos venenos de classe da ideologia burguesa”. Krupskaja acreditava que os Pioneiros substituiriam a família como a principal influência sobre as crianças soviéticas. Os Pioneiros eram ensinados a trabalhar muito e a ser obedientes, puros no pensamento e nas ações. “Por meio dos Pioneiros, aprendi a ser esperto e arrumado, a terminar todas as tarefas na hora certa e a ser disciplinado em tudo o que fazia”, reflete Minusova. “Esses se

transformaram nos meus princípios de vida.”<sup>41</sup>

Os Pioneiros eram ativistas. Havia uma vasta gama de atividades de clubes — organizações de demonstrações, edições de jornais de parede, trabalho voluntário (*subbotniki*),<sup>7</sup> peças e concertos — planejadas para instilar o ativismo social e um senso de liderança nos Pioneiros. Vasili Romashkin nasceu em 1914 em uma família de camponeses na província de Moscou. Revendo sua carreira escolar e o envolvimento com os Pioneiros durante a década de 1920, ele recorda a ênfase nas atividades públicas:

O que significava ser uma “pessoa soviética”? Significava amar a pátria soviética, trabalhar duro e ser um exemplo, como éramos ensinados na escola e nos Pioneiros. Acolhi aquelas palavras no coração. Na terceira série [em 1924], eu já era presidente do comitê escolar. Depois, fui presidente do tribunal da escola, promotor em julgamentos escolares e vice-presidente da união de comércio da escola. Eu era um Pioneiro ativo. Por meio dos Pioneiros, aprendi a amar a minha escola e o meu país mais do que minha própria família. Eu amava a professora-chefe da escola de nossa aldeia como se fosse minha própria mãe.<sup>42</sup>

Nem todos os Pioneiros eram tão ativos quanto Romashkin. Para muitas crianças, as atividades dos Pioneiros na verdade eram apenas uma espécie de brincadeira. Ida Slavina, filha de um jurista soviético proeminente, lembra-se de ter formado o próprio clube no bloco de apartamentos em que cresceu, em Leningrado.

Eu gostava de ler a publicação das crianças, *Murzilka*, que tinha na capa o slogan “Mamãe! Papai! Tomaremos o seu poder!” O jornal convocava as crianças a restabelecerem um novo modo de vida juntando os brinquedos de todos e criando um clube, parecido com os Pioneiros. Eu era a líder das crianças em nossa escadaria. Eu lia o jornal em voz alta e explicava o significado dos artigos para os membros do meu clube. A administração do prédio permitia que utilizássemos um cômodo no porão para os encontros. Cobrimos as paredes com fotos de nossos heróis revolucionários e guardamos todos os nossos brinquedos lá.<sup>43</sup>

Outros Pioneiros encaravam suas atividades políticas com mais seriedade. Estimulados pelos superiores, imitavam as práticas dos comunistas adultos e desempenhavam papéis de burocratas e policiais. Esses entusiastas precoces traziam pastas para “encontros executivos”, onde falavam por meio de slogans do Partido, registravam minutas formais e denunciavam os professores suspeitos de terem opiniões contrarrevolucionárias. Até havia Pioneiros que ajudavam a polícia a localizar “espiões” e “inimigos” agindo como informantes nas ruas.<sup>44</sup>

Aos 15 anos, as crianças soviéticas progrediam dos Pioneiros para a Komsomol. Nem todas as crianças faziam a transição. Em 1925, a Komsomol tinha um milhão de membros — cerca de 4% dos jovens em idade para ser membros da organização (dos 15 aos 23 anos) —, fração cinco vezes menor do que a porcentagem de crianças nos Pioneiros.<sup>45</sup> Ingressar na Komsomol era começar a trilhar uma carreira rumo ao Partido. Havia muitos empregos e cursos em faculdades que só eram abertos para membros da Komsomol ou que favoreciam a seleção de membros em relação a candidatos mais qualificados. Nina Vishniakova lembra-se de que ingressar na Komsomol foi um “acontecimento importante”:

Até hoje [escreveu em 1990] lembro-me de cada palavra do livro de regras — tantos sentimentos foram despertados em mim: lembro-me de pensar que, de repente, passara a ser uma adulta responsável... Parecia que eu era capaz de fazer muito mais do que antes de ingressar. Eu sempre sonhara em pertencer à elite soviética, em conquistar algo importante, e agora o sonho estava se tornando realidade.<sup>46</sup>

O poeta Yevgeny Dolmatovsky, que nasceu em 1915 em uma família de advogados de Moscou, lembra-se da transição dos Pioneiros para a Komsomol, em 1930. Por chegar atrasado à reunião de admissão, Dolmatovsky foi repreendido pelo secretário da Komsomol, que disse que ele “obviamente não era maduro o bastante para ingressar na

Komsomol” e estava “ingressando apenas como carreirista”. Quando Dolmatovsky contou ao pai sobre o incidente, foi criticado por não dar importância ao ocorrido. “Eles o estão observando”, avisou seu pai, “e você precisa provar que está pronto para dar-se a eles.” Na reunião seguinte, Dolmatovsky foi interrogado por uma menina, que perguntou se estava “pronto para sacrificar a vida pelo poder soviético”.<sup>47</sup>

Pertencer à Komsomol envolvia aceitar as ordens, as regras e a ética do Partido Comunista. Membros da Komsomol deviam colocar a lealdade à Revolução acima da lealdade à família. Não eram mais crianças, mas jovens comunistas, dos quais se esperava, como dos membros do Partido, que passassem a vida na esfera pública. A Komsomol funcionava como um exército reserva de ativistas jovens e entusiastas para o Partido, fornecendo-lhe voluntários para a execução de seus trabalhos, além de espiões e informantes prontos para denunciar a corrupção e o abuso. Tais tarefas eram de grande apelo para a juventude soviética nas décadas de 1920 e 1930, que fora formada pelos ideais da Revolução e da Guerra Civil, quando a ordem do dia era ação e energia. Muitos jovens ingressaram na Komsomol não por serem comunistas, mas porque eram ativistas: queriam fazer algo, e não havia nenhum outro canal para descarregar sua energia social.<sup>48</sup> Membros eram encarregados de denunciar “inimigos da classe” entre pais e professores e, como em um treinamento para o trabalho, participavam de julgamentos encenados de “contrarrevolucionários” em escolas e faculdades.

Nascidos tarde demais (entre 1905 e 1915) para serem criados sob os valores da antiga sociedade, e jovens demais para terem participado da sangrenta luta da Guerra Civil, esses jovens ativistas tinham uma visão altamente romântica do “período heroico” da Revolução. “Desejávamos estar associados aos revolucionários, nossos irmãos e pais mais velhos”, lembra-se Romashkin. “Nós nos identificávamos com a luta deles. Vestíamos-nos como eles, no estilo militar, e falávamos uma espécie de jargão do exército, o qual copiamos dos